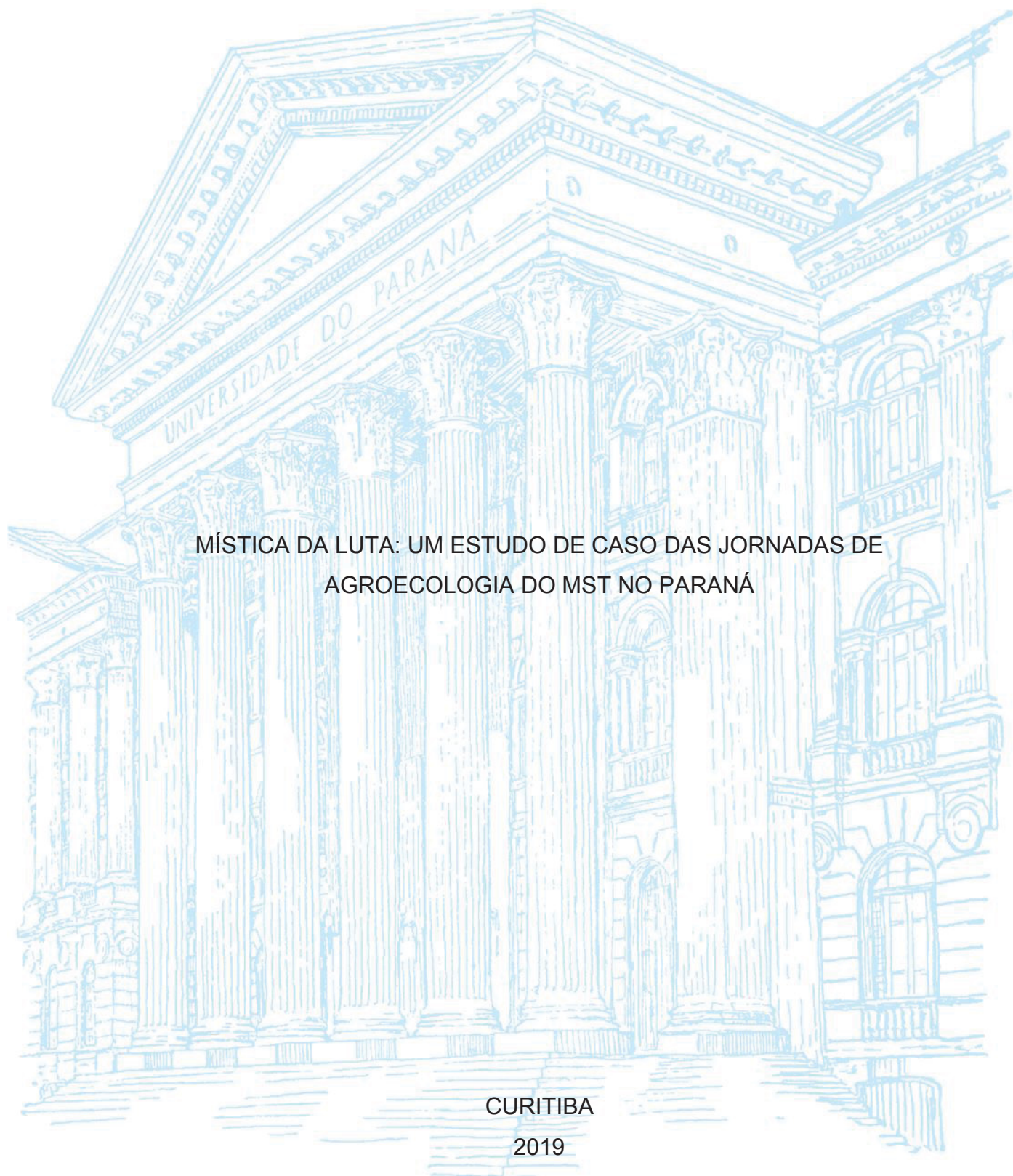


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA CRISTINA DOS SANTOS



MÍSTICA DA LUTA: UM ESTUDO DE CASO DAS JORNADAS DE  
AGROECOLOGIA DO MST NO PARANÁ

CURITIBA

2019

PRISCILA CRISTINA DOS SANTOS

MÍSTICA DA LUTA: UM ESTUDO DE CASO DAS JORNADAS DE  
AGROECOLOGIA DO MST NO PARANÁ

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em sociologia, no  
Curso de Pós-Graduação em sociologia da  
Universidade Federal do Paraná, setor de Ciências  
Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Alfio Brandenburg

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Santos, Priscila Cristina dos  
Mística da luta : um estudo de caso das jornadas de agroecologia do MST  
no Paraná. / Santos Priscila dos Santos. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.  
Orientador : Prof. Dr. Alfio Branderburg

1. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil). 2. Ecologia  
agrícola. 3. Mística. 4. Religiosidade. I. Branderburg, Alfio. II. Título.

CDD – 333.3181



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA -  
40001016032P2

## TERMO DE APROVAÇÃO


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **PRISCILA CRISTINA DOS SANTOS**, intitulada: **MISTICA DA LUTA: UM ESTUDO DE CASO DAS JORNADAS DE AGROECOLOGIA DO MST NO PARANÁ**, sob orientação do Prof. Dr. ALFIO BRANDENBURG, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 29 de Julho de 2019.

  
ALFIO BRANDENBURG  
Presidente da Banca Examinadora

  
ROBERTO MARTINS DE SOUZA  
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ)

  
EZEQUIEL WESTPHAL  
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC.,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ)

Aos **meus pais** que da terra construíram suas vidas. Obrigada por cada madrugada de feira e por cada dia árduo de trabalho para me conceder o privilégio de estudar.

A **minha irmã**, por estar todos os dias ao meu lado e a todas as crises de ansiedade e bipolaridade que me ajudou a superar, dedico.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Alfio Brandenburg, por toda a paciência, empenho e compreensão com que sempre me orientou neste trabalho e em todos aqueles que realizei durante o mestrado. Muito obrigada por ter compreendido todos os altos e baixos que tive durante essa trajetória, sempre buscando me animar e apoiar no meu crescimento acadêmico e pessoal.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do grupo de estudos rurais (CERU) por todas as conversas, indicações e participação no meu trabalho durante esta jornada, em especial às amigas que fiz nesse processo, Tarcila, Silvana e Nádia cujo apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos e dificuldades desse percurso.

Agradeço imensamente aos professores Ezequiel Westphal, Roberto Martins e Antonio Haliski, que desde o IFPR acompanham minha jornada como estudante e nunca mediram esforços para me auxiliar a entrar no mestrado bem como realizar esta pesquisa. Vocês são grandes inspirações para mim.

Por último, quero agradecer a minha família, meu pai João Luiz dos Santos, minha mãe Elizabeth Parthey e minha irmã Renata Cristina, que mesmo com todas as dificuldades sempre me apoiaram nessa trajetória, que me inspiram cada dia a ser uma pessoa melhor e que me fazem ter orgulho de ser camponesa. Aos meus amigos pelo apoio incondicional que me deram, em especial Thays Alves por todas as vezes que me cobrou a finalização deste trabalho, Camila Alves pela leitura e considerações e Kelly Rodrigues por todo apoio dado a mim nesse intenso caminho. Com todo meu amor, agradeço a todos.

**“Nenhuma família sem casa, nenhum camponês  
sem terra, nenhum trabalhador sem direitos”**

**Papa Francisco**

## RESUMO

O MST se tornou um dos maiores e mais importantes movimentos sociais do Brasil e uma referência na luta pela reforma agrária na América Latina. Nascido da junção de movimentos do campo, com o auxílio da comissão pastoral da terra, ele traz como bandeira central a reforma agrária e ganha, na segunda metade da década de 90, novas pautas, como a agroecologia. É nesse contexto que surge a Jornada de agroecologia em 2002, trazendo toda a diversidade do movimento, inclusive a mística, objeto central deste trabalho. Foram analisadas as Jornadas de 2016 e 2017, em específico a mística das mesmas, em que, por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas e observação participante, verificou-se que a mística nasce junto com o MST e têm influências religiosas vindas da criação do movimento. Ela é uma experiência de sentido para quem a vê e a faz, estando presente em diversos momentos do cotidiano do MST. Nas Jornadas de Agroecologia a mística representa três sentidos principais, o de força e mobilização, o educativo e o de unificação em prol de um ideal.

**Palavras-chave:** Mística, MST, agroecologia.

## **ABSTRACT**

The MST has become one of Brazil's largest and most important social movements and a reference in the struggle for agrarian reform in Latin America. Born from the junction of rural movements with the help of the pastoral commission of the land, it brings land reform as its central flag and earns new agendas, such as agroecology, in the second half of the 1990s. It is in this context that arises the Agroecology Journey in 2002, bringing all the diversity of the movement, including the mystique, central object of this work. The 2016 and 2017 days were analyzed, specifically their mystique, which, through bibliographic research, interviews and participant observation, it was found that the mystique is born together with the MST and it has religious influences from the creation of the movement. It is a meaningful experience for those who see and do it and is present at various times in the daily life of the MST. In the Agroecology Journeys, the mystic represents three main senses: strength and mobilization, education and unification in favor of an ideal.

**Key-words:** Mystique, MST, Agroecology

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b> - Mística de abertura da 16° Jornada de Agroecologia .....	43
<b>FIGURA 02</b> - Grito de ordem na abertura da 16° Jornada de Agroecologia .....	44
<b>FIGURA 03</b> - Percurso das Jornadas de Agroecologia .....	51
<b>FIGURA 04</b> - 6° Jornada de agroecologia: queima simbólica dos pratos de transgênicos.....	56
<b>FIGURA 05</b> - 6° Jornada de agroecologia: queima simbólica dos pratos de transgênicos.....	56
<b>FIGURA 06</b> - 14° Jornada de Agroecologia: Mística questionando os meios de comunicação de massa .....	57
<b>FIGURA 07</b> - Palco da 16° Jornada de Agroecologia.....	60
<b>FIGURA 08</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Cartazes representando as grandes empresas do agronegócio.....	60
<b>FIGURA 09</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Massacre vivenciado pelo MST que resulta na morte do Keno.....	61
<b>FIGURA 10</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Renascimento da esperança e da luta ....	62
<b>FIGURA 11</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Frutos da luta.....	62
<b>FIGURA 12</b> - 16° Jornada de Agroecologia: A terra como elemento essencial do campesinato.....	64
<b>FIGURA 13</b> - 16° Jornada de Agroecologia: pintura sendo realizada a partir da terra..	64
<b>FIGURA 14</b> - 16° Jornada de Agroecologia: A madeira como importante elemento para o campesinato.....	65
<b>FIGURA 15</b> - 16° Jornada de Agroecologia: A dança e a cultura como elementos do campesinato.....	65
<b>FIGURA 16</b> - 16° Jornada de Agroecologia: A luta como elemento essencial do campesinato.....	66
<b>FIGURA 17</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Representação do poder norte americano frente ao Brasil.....	68
<b>FIGURA 18</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Representação da violência contra os povos tradicionais .....	68

<b>FIGURA 19</b> - 16° Jornada de Agroecologia: Representação da igreja e seu papel de colonização ideológica .....	69
<b>FIGURA 20</b> - 16° Jornada de Agroecologia: As explorações sofridas pelos povos no Brasil.....	70
<b>FIGURA 21</b> - 17° Jornada de Agroecologia: Bonecos gigantes representando a grandeza dos Camponeses .....	72
<b>FIGURA 22</b> - 17° Jornada de Agroecologia: .....	73
<b>FIGURA 23</b> - Criadores das artes da Jornada, D. Maria e seus crochês e Fabricio e o símbolo que deu vida a 17° Jornada de Agroecologia.....	79
<b>FIGURA 24</b> - Benção das sementes e do pão realizado por Leonardo Boff.....	86
<b>FIGURA 25</b> - Distribuição das sementes na praça Santos Andrade.....	87
<b>FIGURA 26</b> - Agricultor observando a variedade de sementes para a troca .....	89
<b>FIGURA 27</b> - Agricultores observando a variedade de sementes para a troca .....	89

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAI	- Associação Brasileira de Amparo a Infância
AOPA	- Associação para desenvolvimento da agroecologia no Paraná
CEB'S	- Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPT	- Comissão Pastoral da Terra
DN	- Deuteronômio
GO	- Goiania
ICH	- Interações Culturais e Humanísticas
IFPR	- Instituto Federal do Paraná
LGBTQIA+	- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, queer
MMC	- Movimento de mulheres camponesas
MPA	- Movimento de pequenos agricultores
MT	- Mato Grosso
MST	- Movimento Sem Terra
ONG	- Organização não governamental
PA	- Projeto de Aprendizagem
PR	- Paraná
UEL	- Universidade Estadual de Londrina
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
TRAJETÓRIA PESSOAL: BREVES APONTAMENTOS .....	13
DEMARCANDO O OBJETO DE PESQUISA .....	16
METODOLOGIA .....	21
<b>CAPÍTULO 1- RELIGIOSIDADE, CAMPESINATO E MÍSTICA</b> .....	<b>27</b>
1.1 MÍSTICA DA VIDA, MÍSTICA DA LUTA .....	33
1.2 MÍSTICA E SUAS DIVERSAS FRENTES NO MOVIMENTO .....	41
<b>CAPÍTULO 2 - A JORNADA COMO EXPRESSÃO COLETIVA DE UM PROJETO ECOLÓGICO DE VIDA</b> .....	<b>47</b>
2.1 MULHERES E AGROECOLOGIA.....	55
2.2 AS MÍSTICAS DAS JORNADAS.....	56
2.2.1 16º Jornada de Agroecologia .....	58
2.2.2 17º Jornada de Agroecologia .....	70
<b>CAPÍTULO 3 - MÍSTICA E AGROECOLOGIA PARA OS CAMPONESES</b> .....	<b>75</b>
3.1 DIMENSÃO EDUCATIVA .....	76
3.2 O PODER UNIFICADOR DA MÍSTICA .....	77
3.3 MÍSTICA E FORÇA DE MOBILIZAÇÃO .....	80
3.4 MÍSTICA E O MODO DE VIDA ECOLÓGICO .....	83
3.4.1 Mística das sementes e a partilha como sentido .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>93</b>
<b>APÊNDICE - QUESTIONÁRIO APLICADO NA 16º JORNADA</b> .....	<b>98</b>
<b>ANEXO - FOTOS DAS JORNADAS DE AGROECOLOGIA</b> .....	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

### TRAJETÓRIA PESSOAL: BREVES APONTAMENTOS

A escrita dessa dissertação é fruto de uma trajetória pessoal muito ligada à vida no campo. Neta e filha de pequenos agricultores, cresci cercada de toda uma dinâmica camponesa, da qual, hoje em meus estudos, lendo clássicos da sociologia rural como Chayanov, Antonio Candido, Maria Isaura, entre outros, me reconheço.

A relação com a vida no campo nem sempre é ou foi favorável, crescer na área rural e tornar-se jovem nesse contexto é enfrentar uma série de desafios que serviram de inspiração para o tema desta dissertação e que tentarei explicar nessa breve trajetória. Por si só sobreviver da agricultura requer grande esforço, esforço esse que meus pais sempre tentaram aliviar para mim e minha irmã. Porém, sempre nos mantiveram próximos ao seu trabalho, seja regando a horta, indo à feira, amarrando as verduras, trantando dos bichos e em outras atividades pequenas do sítio.

Lembro-me de ir fazer feira desde nova e da felicidade que era, gostava muito de vender as verduras e sabia explicar para que serviam e como se produzia cada mudinha e erva medicinal que vendíamos. Porém, essa relação começou a mudar conforme eu fui crescendo. Com o passar dos anos, já na minha adolescência, passei a sentir vergonha de ir à feira, de morar no sítio e ser filha de agricultores.

Esta vergonha, que muitas vezes se transformou em rebeldia, vinha do fato de estudar na cidade e lá sempre ouvir piadas dos meus colegas de turma sobre a região em que eu morava. Hoje, depois de traçar minha jornada acadêmica, vejo a falta que me fez a educação do campo. Na escola da cidade, o único desejo que eu tinha era o de sair do sítio para não viver mais no “atraso”, aliado às frases, muitas vezes ditas pelos meus pais, “estude pra ter uma vida melhor que a nossa”<sup>1</sup>. A vergonha, o desejo de ter “uma vida melhor” e os cursos disponíveis no litoral do Paraná no fim de 2008 resultaram na escolha de cursar Gestão Imobiliária. Algo que eu faria e trabalharia pra sair do campo.

---

<sup>1</sup>As palavras “atraso” e a frase “vida melhor” utilizados nesse trecho remetem a uma visão pessoal de área rural tida na época descrita no texto, que considerava o sítio um ambiente de atraso e um local não adequado a juventude. Infelizmente, muitos dos meus colegas e filhos de outros agricultores permaneceram com essa visão e saíram da casa dos seus pais, indo em busca da “vida melhor”.

Entrar na Universidade Federal do Paraná, setor Litoral, era então um sonho realizado para mim e minha família, uma oportunidade única. Ao entrar no curso, cheia de expectativas me deparei com módulos e oportunidades singulares como: ICH (interação cultural e humanística), PA (projeto de aprendizagem), projeto de extensão (Programa farinheiras) e reconhecimento do litoral. Cito aqui estes, em especial, pois foi por meio deles que grandes transformações aconteceram em minha cabeça. Tive aulas que tratavam do litoral do Paraná, das pessoas que o compunham, da diversidade que ele possui, tive colegas que vinham de todos os municípios do litoral, que tinham trajetórias parecidas e diferentes, pude conhecer um pouco cada um deles e suas histórias.

Entrei na universidade com a certeza de que ser agricultor era sinônimo de alguém que “não deu certo”. Porém, ao ver a curiosidade, admiração e respeito que ser agricultor tinha dentro desses ambientes acima citados, minha cabeça mudou, assim como meu coração, minha família e minha vida. Portanto, foi na universidade que me reconheci um sujeito do campo, que não apenas mora, mas que se constrói e ajuda a construir a comunidade em que vive.

A partir daí passei a estudar mais o local onde eu moro. Primeiro quis saber o que era aquele lugar, quem vivia lá e o que produziam, até então a sociologia não havia entrado na minha caminhada, mas sentia que precisava entender mais. Parti então para a Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar, também na UFPR, setor litoral, lá estudei um programa recém lançado e que estava “dando o que falar” na minha comunidade, que era a compra de alimentos por parte do estado e municípios. Porém, nessas duas experiências senti que meu trabalho estava sendo muito mais descritivo do que analítico, e que era preciso conhecer melhor meu local de moradia, mas olhar para ele por meio de autores e teorias. Foi assim que ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, no IFPR- Campus Paranaguá.

O curso de Ciências Sociais foi de fundamental importância para minha jornada de formação e de reconhecimento enquanto pessoa. Lá encontrei a orientação teórica que tanto procurava e uma nova perspectiva sobre minha trajetória pessoal. Entre tantos momentos e disciplinas importantes nesse curso, quero citar uma em especial: a de educação do campo. Durante a disciplina aprendi muito mais do esperava, ali me emocionei, revivi e encontrei novos sentidos para a palavra

educação. Todas as aulas se iniciavam com uma, até então desconhecida, mística, o que num primeiro momento parecia estranho, mas que no decorrer do semestre foi se tornando cada vez mais pensada e vivenciada pela minha turma.

A mística trazia memórias, ela falava do presente, do passado, da vida, da luta, das pessoas inspiradoras que conhecíamos, de produtos e trabalhos do nosso litoral, ela era construída por uma turma que começou o semestre desunida e que no decorrer dos trabalhos se reconheceu enquanto grupo, pois trabalhou junto e se identificou. Nessa disciplina, cantei músicas como “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação do campo é direito e não esmola”, que sempre me emociona, estudei sobre leis, mas me aprofundei principalmente nas lutas travadas pela educação do campo, da qual o MST é um grande nome.

Toda essa experiência tida no IFPR ficou guardada em mim. Até então, não havia feito reflexões sobre o papel que a mística teve durante essas aulas. Quando entrei no mestrado em sociologia, meu projeto era voltado a estudar novamente a área rural de Paranaguá, porém quando iniciei efetivamente nas atividades do grupo de estudos rurais, junto a meu orientador, fui apresentada a um projeto que busca estudar as Jornadas de Agroecologia do MST. Me interessei muito pelo tema, pois é sobre agroecologia, um objetivo meu e da minha família a ser alcançado e por estar relacionado ao MST, o movimento que me despertou tamanha curiosidade nas aulas de educação do campo.

Neste projeto maior, cada estudante participante tem seu tema, sendo assim eu teria que escolher o meu. Mas o que escolher quando não se conhece a realidade em que se vai pesquisar? Como decidir o que estudar quando se está tão fora da sua zona de conforto? Confesso que este processo foi doloroso, porém gratificante. Em uma das reuniões do projeto das Jornadas de Agroecologia, quando ouvíamos uma das integrantes descrever sua experiência dentro da Jornada, uma palavra me surgiu como luz, a mística. Descubro que a Jornada também tem mística e, mais que isso, que o MST tem mística em diversos espaços. Assim se iniciou essa caminhada que resultou nesta dissertação.

Creio ser importante fazer o relato de minha jornada pessoal, pois ela é uma jornada de busca pela identidade camponesa e orgulho em ser sujeito do campo. Minha dissertação também trata da formação de identidades, do sentido e do pertencimento de estar em um grupo. Além disso, esta dissertação trabalha não só a

construção das identidades individuais de quem participa da mística e da Jornada, ela trata da construção da fase agroecológica do MST, enquanto movimento que nasce da luta pela terra e torna-se também de produção de alimentos saudáveis e de qualidade. A jornada auxilia nessa construção identitária do movimento e a mística, a construção identitária da jornada, do movimento e das pessoas que o compõem.

## DEMARCANDO O OBJETO DE PESQUISA

Entendendo a terra enquanto bem comum e que deve ser trabalhada e produzir alimentos, o MST se torna um dos maiores e mais importantes movimentos sociais do Brasil e uma referência na luta pela reforma agrária na América Latina. A terra enquanto dádiva, que vêm do “Criador” e não merece ser monopolizada por alguns, moveu e ainda hoje move grande parte dos camponeses para a luta. Junto à comissão pastoral da terra, da junção de movimentos do campo e em contraposição à modernização implantada no campo na década de 70, o MST surge e resiste à pressão de sucessivos governos e a todo tipo de violência infringida pelo agronegócio, a indústria cultural e o desconhecimento sobre movimento.

Seu marco de nascimento é 1984, em Cascavel no Paraná, com uma primeira assembleia que cria o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Porém, sua articulação e suas raízes vinham sendo gestadas há algum tempo. Segundo Silva (2011, p. 2) o movimento surge principalmente em contraposição à política imposta pela Ditadura Militar para o campo brasileiro, política essa chamada de modernização dolorosa por José Graziano da Silva (1982), devido à forma como manteve a concentração de terras, a implementação de diversas inovações tecnológicas, endividamento de pequenos produtores, danos ambientais e à grande dependência do conhecimento técnico e de insumos químicos.

Este processo de modernização agrícola, surgida principalmente a partir dos anos 70, fez com que as chances de uma política de reforma agrária diminuíssem cada vez mais e que as desigualdades no campo ficassem mais acirradas. Neste contexto, o MST discutiu e aprovou, em sua assembleia de criação, alguns princípios de luta para o movimento, no qual os principais eram a luta pela reforma agrária, acompanhado da luta para uma sociedade igualitária, acabando com o capitalismo,

sua autonomia política, seu fortalecimento a nível estadual e nacional, unificação da luta do campo, da cidade e dos indígenas, entre outros (STEDILE, 2005, p. 177).

Nesse período a reivindicação pela terra era pauta principal, pois o capitalismo agrário e a concentração de terras e renda no campo estavam crescendo a cada dia. Sendo assim, o movimento precisava em primeiro lugar se organizar, estabelecendo-se tanto nas regiões, estados e na nação, delineando metas de atuação para a conquista de novas terras. É a partir dos anos 90, principalmente depois de grandes massacres à integrantes do movimento, que o MST ganha expressividade efetiva, principalmente na mídia internacional. Segundo Gohn (1997) o MST transforma-se no maior movimento popular do Brasil nos anos 90 e houve uma ampliação de sua frente e sua atuação em diversas regiões do país na luta pela reforma agrária.

Para além da luta pela reforma agrária, o MST, sempre teve seu foco na organização dos acampamentos e assentamentos, na construção de uma educação para os sem-terra, que levasse em conta suas condições culturais e de vida, e nos anos 90 o movimento passa a se preocupar mais com questões de mercado, em tornar seus acampamentos e assentamentos cada vez mais produtivos voltados ao mercado externo e não somente à subsistência (GOHN, 1997).

A preocupação quanto à produção dentro do MST era relacionada à competitividade, a economia de mercado e a ampla concorrência oferecida pelo agronegócio. Entretanto, na segunda metade da década de 90, novas pautas ganham espaço dentro do movimento ultrapassando a luta pelo acesso à terra. Em 1995, o MST traz uma nova proposta de reforma agrária, que dessa vez trata de um novo modelo agrícola e de um novo padrão de desenvolvimento nacional (STEDILE, 2005, p. 187). Nesta nova proposta, além dos preceitos já estabelecidos nas anteriores, outros objetivos entraram em foco, como a produção de alimentação farta e de qualidade, gerando segurança alimentar.

Essa é uma das mais importantes mudanças tidas no movimento desde sua fundação, o papel que a segurança alimentar toma enquanto fim de vários projetos e ações do MST. A segurança alimentar vem acompanhada da busca permanente pela justiça social, igualdade de direitos político, econômico, social, cultural, religioso, racial e de gênero, além da preservação dos recursos naturais, priorizando o cuidado sobre o solo, água, florestas etc. (STEDILE, 2005)

A terra é então concebida, como sendo “um bem da natureza a serviço de toda a sociedade. Um bem de todos para atender às necessidades de todos” (STEDILE, 2005, p. 189), portanto deve-se estabelecer um novo padrão de relacionamento com ela, que garanta o respeito a este bem fundamental, incentivando o desenvolvimento da produção orgânica/ agroecológica (STEDILE, 2005, p. 198). É a partir do IV congresso nacional do movimento, no ano 2000, que efetivamente a agroecologia, entra como pauta e direcionamento para acampamentos e assentamentos. Segundo Borsatto e Carmo (2014, p. 56), a partir do IV congresso “várias foram as ações deferidas e fomentadas pelo Movimento com vistas a internalizar a agroecologia dentro dos assentamentos rurais. Por suposto que essas ações não foram realizadas com a mesma intensidade por todo o território nacional”.

A questão ecológica também é posta em pauta no movimento dentro de outros espaços como: escolas do campo, cursos superiores em agroecologia, organizações dentro dos assentamentos e acampamentos em forma de associações ou cooperativas, cursos, entre outros. O Paraná, seguindo pelo caminho já percorrido no movimento em nível nacional, toma importantes iniciativas e se torna referência na discussão, ampliação e internalização da agroecologia em suas pautas. O maior exemplo desse protagonismo é a Jornada de Agroecologia, realizada desde o ano de 2002 em diversas cidades do estado.

As Jornadas se constituem em um importante momento de reflexão e formação para agricultores familiares camponeses, no que tange melhores práticas de produção e relação com o meio ambiente. Ela é composta de diversos espaços e discussões, que perpassam a luta política, cultura, educação, gênero, saúde, ambiente, entre outros. Em 17 edições até o ano de 2018, as Jornadas de Agroecologia, manifestam sua grandeza para além dos limites do evento, interferindo diretamente no modo como assentados, acampados, camponeses e outras populações do campo passam a integrá-la em seu dia a dia, conforme depoimentos colhidos durante o trabalho de campo dessa dissertação.

Pensar sobre as Jornadas é refletir, portanto, a construção do discurso ecológico dentro do MST, que, como dito acima, começa a ganhar corpo no início dos anos 2000 e hoje possui exemplos de produção e mudança de paradigmas. Como é

o caso do Assentamento José Lutzemberg em Antonina- PR<sup>2</sup> e diversas outras experiências de sucesso espalhadas pelo estado. Em cada Jornada, camponeses de diversas regiões entram em contato com essas experiências, por meio de oficinas, palestras e visitas a campo. Debater com esses camponeses sobre agroecologia é ter uma aula sobre o que é esse modo de vida, que ultrapassa os limites apenas da produção orgânica e que, na mão desses agricultores, ganha uma referência cultural de ser e viver.

Dentro das jornadas, há, portanto, a constituição de diversos espaços de interação e integração de pessoas de diferentes locais e com diferentes saberes. São esses espaços que proporcionam a riqueza da jornada, pois durante ela, há a imersão desses diferentes povos do campo (indígenas, quilombolas, agricultores familiares, faxinalenses, pescadores artesanais, assentados e acampados, entre outros), em um ambiente de lazer, aprendizado, amizade, luta, entre outros. Sua estrutura varia muito de acordo com os apoios recebidos pelo MST para sua realização, como atrações, apresentações de grupo de danças, participação de ONG's, universidades, instituições e outros, porém seus objetivos principais permanecem intocados, assim como a mística, contando ou não com apoio de seus parceiros.

O MST tem dentro do próprio movimento e em colaboração com diversas universidades um acervo grande de materiais que falam de sua história e luta. Porém é a mística uma das formas mais práticas utilizadas enquanto processo de formação de base e militância, ela está presente no movimento desde sua criação, muito influenciada pelas raízes dos movimentos sociais do campo com a CPT. Ela é feita, pelos próprios integrantes do movimento e serve a diversos propósitos, faz parte do cotidiano do MST, está presente em todos os atos, mobilizações, encontros e assembleias (TORRES, 2010).

Sendo assim, a mística também está presente na Jornada de Agroecologia, mais que isso, ela auxilia na unificação dos espaços anteriormente falados (reuniões, oficinas, vivências, lazer etc.) e propicia a participação efetiva dos camponeses assentados e acampados. Ela aciona no ambiente da Jornada emoções, memórias,

---

<sup>2</sup>Recebeu o Prêmio Julia Santilli por sua prática de recuperação da mata atlântica e produção de alimentos.

conhecimentos e saberes, essenciais para a luta que é proposta, conforme mostrado no capítulo 3 desta dissertação.

Se, em um primeiro momento, a palavra mística é difícil de compreender lendo um texto, é justamente pela dificuldade de se descrever um ato que ultrapassa os limites da encenação, portanto, não deve ser definida como um teatro ou uma apresentação cultural. Mais que isso, a mística passa durante o processo de construção do MST por transformações em sua forma de ser e se fazer, pois ela acompanha a dinâmica do movimento e suas transformações. Nascida de uma perspectiva de cunho católico, hoje congrega diferentes crenças, se mistura com a ciência para tratar de temas atuais, traz símbolos importantes para o movimento e constrói em cada um, uma relação diferente com o momento apresentado.

Se para a teologia a mística é descrita como uma experiência pessoal de encontro com o absoluto (VAZ, 2000), dentro do MST, pode se considerá-la como uma experiência pessoal de encontro com o movimento, ou seja, cada um traz um aprendizado da mística e têm uma experiência que é única, no entanto, a construção e a vivência da mística é dada de forma coletiva, cujos temas são, geralmente, relacionados ao MST, sua luta, ideologia, história, vivência, etc.

Bogo (2003), importante teórico do MST cuja caminhada acadêmica e militância do movimento é de grande expressividade, descreve a mística como sendo algo que primeiro surge no movimento, sem muitas definições, na prática do dia a dia, e posteriormente passa a ser teorizada e analisada para que houvesse uma conceituação a seu respeito. Portanto, a mística é apreendida pelos integrantes do movimento, na prática, onde se aprende a fazer, fazendo mística.

Seu estudo tem sido algo recorrente na academia, autores da sociologia, antropologia, educação e de diversas outras áreas têm buscado compreender o sentido deste elemento dentro do movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Esse interesse, talvez, venha da dificuldade em definir e explicar algo tão complexo e que tem tanta proporção dentro de diversos movimentos sociais, não só no MST.

Em geral, os trabalhos até aqui estudados sobre o tema, seguiram pelo caminho da observação e etnografia para compreender melhor esse elemento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Já este trabalho, por ser um estudo de caso das místicas nas Jornadas de Agroecologia do Paraná, buscou proceder com mais de uma ferramenta metodológica de análise, ou seja, foram utilizados levantamento

bibliográfico, levantamento de fotos e vídeos, questionários, observação, diário de campo e o principal deles, a observação participante<sup>3</sup>.

## METODOLOGIA

Mesmo existindo inúmeras pesquisas sobre a mística, há ainda uma lacuna no que tange sua relação com a ecologia. Como já apresentado no início deste texto, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra passou por diversas transformações (formas de uso da terra e de produção, adaptação e resistência a pressões de sucessivos governos, massacres, entre outros) desde sua formação, sendo uma das mais expressivas a luta pela agroecologia enquanto modo de produzir a ser aderida pelo movimento. Uma das formas de maior destaque de ação coletiva em defesa e estímulo à prática da agroecologia é a Jornada de Agroecologia, que conta com a participação de diversas entidades e tem a mística como protagonismo que, conclama aos participantes um momento singular de reflexão.

Sendo assim, compreende-se que toda essa complexidade de sentidos da mística também se encontra na Jornada de Agroecologia, tendo em vista que ela está presente em diversos momentos do evento. Neste sentido considerou-se importante questionar como a mística das Jornadas de Agroecologia, contribui para a formação de um projeto de vida ecológico para além do evento? Também se questiona se há ainda hoje o sentido religioso da mística dentro da jornada, e qual o impacto que ela gera nas pessoas que a praticam e a assistem? Buscando compreender então estas questões, esta dissertação se propôs a pesquisar o conceito de mística, no intuito de analisar sua inserção no movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, para melhor compreender o sentido da mística dentro da Jornada de Agroecologia do Paraná.

Por meio dessas questões buscou-se mecanismos de aproximação, pesquisa e análise junto ao MST e a Jornada de Agroecologia. Para mergulhar, de fato, na mística era preciso experimentá-la, em um primeiro momento como expectadora e em um segundo como colaboradora da sua dinâmica de organização. Neste sentido, o

---

<sup>3</sup>Escolheu-se utilizar a observação participante devido a necessidade de acompanhar de perto a construção e execução da mística, tendo em vista as questões mencionadas na página 21 e 22, que descreve a mística como difícil de se definir e como uma experiência que é apreendida na prática. A observação participante permitiu vivenciar momentos de ensaio, programação e produção da jornada, que auxiliaram na compreensão dos sentidos expostos no terceiro capítulo deste trabalho.

estudo de caso focou nas jornadas de 2017 e 2018, realizadas na Lapa e em Curitiba respectivamente. Em cada jornada o foco da pesquisa foi diferente na busca de atender o objetivo proposto. Enquanto que a jornada da Lapa (2017) se caracterizou como um espaço de aproximação, a jornada de Curitiba (2018) foi a ampliação do conceito de mística e de seus sentidos.

A jornada de agroecologia da Lapa foi fundamental para a aproximação com o campo de estudos, nela houve o delineamento da pesquisa e o desenvolvimento efetivo de um cronograma de atividades. Nesta jornada foram realizadas 37 entrevistas semiestruturadas, com 18 perguntas abertas e fechadas, cujo objetivo era obter informações exploratórias sobre os participantes da jornada, seus objetivos na mesma e sua relação com a mística. Estas entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade, pela forma como foram realizadas e como se caracterizam, segundo Minayo (2009), esta é uma das vantagens em se utilizar esse método, pois por meio dele o entrevistado pode discorrer sobre o tema sem se prender diretamente a indagações formuladas. Esta forma de pesquisa só foi possível pelo fato de fazer um acompanhamento direto durante os 3 dias e noites da Jornada, ou seja, vivenciando a mesma por completo.

A entrevista fornece informações e dados que não poderiam ser conseguidos por outros meios, outras fontes como censos, estatísticas, ou registros e que são objetos principais da investigação qualitativa, que só poderiam ser construídos diretamente no diálogo com o indivíduo, entrevistado, ou seja, uma reflexão do próprio sujeito sobre a realidade (MINAYO, 2009). Sendo assim, a entrevista se fez essencial como forma de compreender a mística, que como já mencionado, é um fenômeno difícil de se conceituar e cuja história na Jornada de Agroecologia não está sistematizada.

Os contatos estabelecidos nesta jornada foram de fundamental importância para o desenvolvimento da observação participante na organização da Jornada de 2018 em Curitiba. Para além das informações obtidas nas entrevistas, a vivência durante a Jornada resultou em um diário de campo, cujas observações, anotações e falas em momentos não formais, como o de uma entrevista, foram fundamentais para compreender a dinâmica desse ambiente. Locais como filas para o banho, para carregar o celular, troca de cafés entre as barracas, horário da janta, oficinas, baile,

entre outros, propiciaram ambientes descontraídos para a interação, troca de contatos e informações, que somente com os questionários não seriam possíveis de obter.

Os diários de campo são importantes ferramentas de análise para quem realiza a observação participante, autores relevantes como Malinovski, descreveram o valor desta ferramenta para capturar observações e informações que as entrevistas não conseguem apreender. As informações contidas no diário de campo devem ser usadas para auxiliar a compreensão do objeto de estudo e facilitar a interpretação dos fatos acompanhados durante a observação (MINAYO, 2009).

Na Jornada de 2018 buscou-se, na medida do possível, participar da vida social do cenário cultural de construção da Jornada, com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Realizando, portanto, uma observação participante, entende-se que esta metodologia proporcionou repensar o sentido e a importância da mística na Jornada, cumprindo seu papel fundamental como descrito por Minayo (2009), considerando que na medida em que convive com o grupo, o observador pode retirar do seu roteiro questões que percebe não serem relevantes do ponto de vista dos interlocutores e consegue também compreender aspectos que vão aflorando aos poucos.

Aqui as relações estavam muito mais estabelecidas, pois o contato feito na Jornada anterior auxiliou na participação ativa da organização desta em Curitiba. Esta metodologia permitiu que houvesse a participação efetiva em reuniões de organização, na equipe de ornamentação e cultura por uma semana antes da realização do evento e, durante o mesmo, enquanto parte integrante da equipe de trabalho. Foi possível enfim assimilar melhor a dinâmica da mística, tendo em vista que no início da pesquisa havia uma ansiedade muito grande em participar das reuniões de ensaio, organização, explicação sobre mística e por meio da observação participante compreendeu-se que este processo é muito mais naturalizado, menos formal e mais prático do que se imaginava, conforme relato da experiência no terceiro capítulo.

Concomitantemente com a observação participante, foi realizada a elaboração novamente de um diário de campo da Jornada de 2018, com as principais observações, anotações de falas informais e de informações relevantes para a pesquisa. Utilizou-se dessa metodologia, porque compreendeu-se que não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem, as

ferramentas que utilizam e como se relacionam entre si. Essa metodologia exige o que Whyte (2005) chama de uma capacidade de usar os sentidos, ou seja, saber ouvir, sentir e ver, entender que as perguntas exigem momentos certos e que esse tipo de experiência propicia um conhecimento que as entrevistas jamais seriam capazes de revelar. Momentos de descontração e participação de atividades informais, foram fundamentais para a compreensão do objeto de estudo, nos almoços, bares e outros espaços que serviram para reconhecer quem eram os atores da jornada, conhecer suas histórias e suas relações com a mística.

A temática aqui abordada é desafiadora porque envolve uma experiência que, muitas vezes, é difícil de ser conceituada por aqueles que a vivenciam. Os depoimentos são baseados nos sentimentos, na relação estabelecida entre o sujeito e sua causa em um determinado momento de expressão. A mística é de origem religiosa e, portanto, tem sua tradição na cultura cristã e na religiosidade camponesa e é por meio dela que entra no movimento social, que se apropria e ressignifica esta experiência. Dentro da Jornada, esta mística ganha um novo aspecto, o debate agroecológico e ganha o sentido que este trabalho buscou evidenciar.

Esta dissertação traz no primeiro capítulo o conceito de campesinato e sua religiosidade. Esta conceituação oferece subsídios para compreender como a religiosidade sempre foi um marco importante do modo de vida camponês e como serviu/ serve de explicação de fenômenos, integração comunitária e muitas vezes delimitadora da relação camponês, terra e comunidade. É fundamental, essa compreensão para que se perceba que a relação entre religiosidade, mística e campesinato é íntima e deriva de um modo de vida.

No segundo capítulo, dando continuidade à relação mística, religiosidade e campesinato, será apresentado a história da mística dentro do Movimento dos Trabalhadores rurais sem-terra, onde além de apresentar como se deu sua inserção no movimento, serão demonstradas as transformações ocorridas na mística ao longo dos anos, além de citar momentos em que a mística está presente no dia a dia do MST. Este capítulo é fundamental ao estabelecer um local histórico da mística dentro do movimento, ou seja, de demonstrar como ela caminha junto da história de fundação e luta do MST e de suas transformações, desde a influência da CPT e das comunidades eclesiais de base, até o cotidiano dos camponeses.

O terceiro capítulo, traz a mística inserida dentro do contexto da Jornada de Agroecologia, buscando evidenciar o sentido da mística para a Jornada, sua relação com a agroecologia e por meio de dados de campo identificando, o sentido da mística para os participantes. Aqui, encontra-se a grande questão desta dissertação, a medida em que na Jornada a mística ganha um novo elemento, a agroecologia, e passa a exercer um papel importante nesse grande evento organizado pelo MST. Neste capítulo estão expostas as vozes dos assentados e acampados que produzem, vivenciam e levam à outras pessoas a experiência mística tratada nos capítulos anteriores. Portanto, é nesse capítulo que a teoria sobre a mística e a prática da mística nas Jornadas se encontram relacionadas e interconectadas com a agroecologia.

A trajetória desta pesquisa levou a compreensão principal de que a mística ultrapassa os limites do momento, da apresentação. Ela se expande e se ressignifica. No ecoar da mesma, ela deixa marcas que muitas vezes uma palestra não consegue passar nos assentamentos, acampamentos e memória das pessoas. A mesma ainda guarda elementos da religiosidade camponesa, importantes para compreender sua história e tocar aqueles que a assistem, seja com a partilha, a benção, os mártires ou as músicas. Por ser uma experiência de sentido, os impactos gerados pela mística são bastante pessoais, porém podem ser reunidos em grupos de sentidos: ânimo, formação e integração. Falar da mística, em um contexto em que os movimentos sociais do campo passam por sérios riscos físicos e por grandes desafios na perda de seus direitos, é também falar de esperança e fé. Esperança de dias melhores politicamente para os povos do campo e fé que a luta continua e vale a pena.

Quando a razão foge dos sentidos e quando não se vê motivos para continuar a lutar, experiências como a mística ajudam os movimentos a seguir, seja pela memória de um companheiro morto, pela esperança da terra prometida, da luta pelo dom da vida, ou o direito de usar e produzir a terra. A mística traz aos sem-terra o fervor que as dificuldades insistem em retirar. A Jornada é de certa forma uma grande mística, pois é carregada desses sentidos e sentimentos. A Jornada representa para o movimento social, o que a mística representa para o camponês, a esperança e a fé na luta, formação e na integração para a busca de um mundo socioambientalmente justo.

## CAPÍTULO 1- RELIGIOSIDADE, CAMPESINATO E MÍSTICA

E fez, o criador, a natureza  
 Fez os campos e florestas  
 Fez os bichos, fez o mar  
 Fez por fim, então, a rebeldia  
 Que nos dá a garantia  
 Que nos leva a lutar  
 Pela terra, terra [...]

[...], mas apesar de tudo isso  
 O latifúndio é feito um inço  
 Que precisa acabar  
 Romper as cercas da ignorância  
 Que produz a intolerância  
 Terra é de quem plantar  
 À terra, terra<sup>4</sup>

A religiosidade camponesa é uma forma de doar-se a determinadas crenças e mistérios, que explicam, conduzem e moldam a forma de conviver em família, comunidade e com o meio. Assim como é a mística dos movimentos sociais do campo, em que camponeses se doam a uma causa, uma história a ser contada e vivida e ao movimento como um todo. Se é comum ver a união de camponeses para realizar as festas dos santos padroeiros de suas comunidades, como descreve Brandão em inúmeros de seus livros, é comum ver um acampado/ assentado doar seu tempo, seus sentimentos e seus produtos para produzir e executar as místicas do seu dia a dia.

Este capítulo vai tratar justamente de compreender a religiosidade camponesa, enquanto elemento do modo de vida do campo, que foi moldada e gestada por muitos anos e que se construiu com rituais, códigos de conduta, moralidade, participação e sentidos próprios, que difere do que Brandão chama de capital religioso erudito e que é popularizado e transferido ao que este autor chama de domínio dos sistemas subalternos (1980). Para tanto, este capítulo apresenta a definição de catolicismo popular/rústico, religião majoritária na história do campesinato segundo autores importantes como Queiroz (1985). Para além desta definição apresenta-se aqui o conceito de campesinato e as características da religiosidade camponesa, fazendo assim a ponte com as características encontradas na mística

---

<sup>4</sup>Canção da Terra - O Teatro Mágico, música muito utilizada na abertura das jornadas, em documentários sobre o MST, nas místicas etc.

dos movimentos sociais do campo ainda hoje. Este é um capítulo que busca dar historicidade ao modo de vida camponês e sua relação com a religião.

É bastante comum, ao ler livros que tenham a área rural como plano de fundo, ao conversar com pessoas do campo, ao se recordar do passado de sua família no sítio, que se rememore festas de igreja, folias de santos, benzedeadas, simpatias, rezas, músicas que tragam a fé como foco principal. Ainda hoje folias como a de santos Reis, do divino espírito santo, entre outras são tradição em algumas áreas rurais. Autores como Brandão, no meio rural, e Frei Betto, no meio urbano, estudam e pensam a sociedade a partir da religião como roteiro, considerando-a, talvez, a melhor forma de estudar a cultura popular, como afirma o próprio Brandão (1980). Outros autores também se utilizam da religião como um dos pontos para compreender o modo de vida, principalmente no campo, como é o caso de Antonio Candido e Queiroz.

Segundo esses autores, camponeses e proletários se utilizam da fé religiosa para interpretar, vivenciar e compreender diversos fenômenos do dia a dia, porém ao fazer tal utilização eles ressignificam e recriam diversos ensinamentos da docência erudita da igreja, colocando as em cheque com suas próprias experiências, atuando como agentes populares da religião, seja como rezador, capelão, pai de santo, feiticeira, benzedeadas, entre outros (BRANDÃO, 1980).

Queiroz (2009) afirma que, do ponto de vista religioso, principalmente devido à falta de sacerdotes para todo o território brasileiro e ao pouco conhecimento sobre a religião oficial, as populações foram se adaptando e construindo por si só um conjunto de interpretações sobre a religião oficial trazida pelos portugueses. Fazendo com que elementos litúrgicos fossem reinventados, modificados, de acordo com as necessidades locais. Porém isso não impediu, segundo essa autora, que a população brasileira sempre se considerasse “bons católicos, ou católicos praticantes”, mesmo havendo discrepâncias entre a religião oficial e a praticada nas comunidades.

Para além dos motivos acima colocados (falta de sacerdotes e pouco conhecimento religioso) houve no Brasil o sincretismo, ou hibridação como afirma Canclini (2015), com religiões de matrizes africanas e indígenas, esta última mais localizada na região amazônica (QUEIROZ, 1985). Além do fato de que o catolicismo vindo de Portugal já era, segundo essa autora, um catolicismo de cunho popular, que chegando ao Brasil - principalmente com a vinda da família real - se separa em um

catolicismo de cunho mais urbano e outro de cunho rústico, sendo esse seu objeto de estudo em alguns textos.

Este trabalho, se utilizará do termo catolicismo rústico do campesinato, justamente por remeter a uma das formas existentes no Brasil de religião popular e por ser o termo utilizado por autores importantes do campo brasileiro como: Brandão (1980, 1981, 1985, 2010), Queiroz (1985, 2009) e Candido (1987). Aqui, o catolicismo rústico não será colocado do lado oposto ao catolicismo erudito, pois, como afirma Brandão em seu livro *Memórias do Sagrado*, não se deve considerar o catolicismo rústico como um “sistema religioso autônomo”. Uma vez que, apesar de o mesmo combinar práticas e códigos tipicamente do modo de vida camponês, ele ainda têm uma dependência relativa da igreja oficial, em que padres, bispos e outros membros do clero ainda são reconhecidos como “emissários legítimos a serviço do sagrado” (BRANDÃO, 1985, p. 34).

O catolicismo rústico traz valores como: honradez masculina, solidariedade de classe e vizinhança, caridade, respeito pelos velhos e parentes, tolerância para com o diferente e pecador, entre outros (BRANDÃO, 1980, p. 179). Estes valores são bastante típicos do modo de vida camponês, podem ser observados em trabalhos como os Woortmann (1990), Candido (1987), Wanderley (2009), entre outros, além de estar presentes em músicas que tratam do respeito do filho com os pais<sup>5</sup>, da caridade e da solidariedade entre camponeses, típicos da música caipira.

---

<sup>5</sup>Quando encontrar um veinho,  
Arespeite a sua idade,  
É uma sombra do passado,  
É um espeio da saudade,  
Arespeite como seu pai,  
Com carinho e amizade,  
Ele só dá bom conseio para o bem da mocidade.  
Todo veio já foi moço,  
Todo moço já foi criança,  
A veice é o fim da vida,  
Onde morre a esperança  
Mas quem sempre fez o bem,  
A Glória no céu arcança,  
Seu nome fica na história, e o passado por lembrança.

“Véio Pai” - Tonico e Tinoco

Milagres, causos, tragédias, pedidos a Deus, também são comuns nas músicas<sup>6</sup> e também refletem o catolicismo rústico. Isso ocorre justamente porque as músicas tratam do dia a dia do camponês e para tanto revelam também suas crenças e os fundamentos da sua fé católica (BRANDÃO, 1980).

Para Queiroz (1968), as relações entre os grupos, vizinhanças ou bairros<sup>7</sup> são fundamentais para essa forma de religiosidade (catolicismo rústico), pois formam um ciclo, à medida que se assentam na integração, harmonia e solidariedade do grupo e que também proporcionam ao próprio grupo essa coesão, o primeiro passo para a integração. Pois, segundo esta autora, o catolicismo rústico é mais social do que necessariamente religioso, isso não significa que não haja fé neste catolicismo, porém significa que o mesmo exerce uma função social importante na comunidade, a medida em que as festas, novenas, batismos, cantorias, agem como um “reforço à solidariedade grupal” (1986, p. 118).

Da mesma forma ocorre com a mística, que no MST cumpre uma função social importante de integração, mobilização, educação e até mesmo de lazer. Ela é estabelecida por meio das relações entre comunidade, vizinhança e movimento. Reforça, assim como o catolicismo rústico, a solidariedade grupal à medida que seus integrantes a constroem de forma coletiva e com um objetivo em comum. Trazendo valores citados por Queiroz (1968) como integração, harmonia e solidariedade.

Os valores citados por Queiroz (1968) do catolicismo rústico ficam evidentes quando relações de compadrio, por exemplo, se tornam tão importantes dentro de uma comunidade, estabelecendo fortes relações de confiança. Candido (1987) utiliza uma parte de seu livro “Os Parceiros do Rio Bonito” para descrever a importância dessa relação no bairro por ele estudado, demonstrando que esta relação criava uma

---

<sup>6</sup> Os devotos do Divino  
vão abrir sua morada  
Pra bandeira do menino  
ser bem-vinda,  
ser louvada, ai, ai  
Deus nos salve esse devoto  
pela esmola em vosso nome  
Dando água a quem tem sede,  
dando pão a quem tem fome, ai, ai

“Bandeira do Divino” – Pena Branca e Xavantinho

<sup>7</sup>Nomeclatura utilizada por Candido (1987) e Queiroz (2010) para denominar as comunidades estudadas por eles.

troca intensa de convivência, prestação de serviços e assistência mútua. A relação de compadrio estabelece um sistema de trocas recíprocas, segundo Candido era também comum ver pessoas escolherem um padrinho “graúdo” como uma forma de ligar o futuro do filho a uma figura de poder: um fazendeiro, coronel, entre outros. Ou seja, uma prática religiosa como o batismo, cujos preceitos ligados a religião oficial são os de guia e auxílio aos pais na vida espiritual da criança, ganha no catolicismo rústico um significado mais prático de trocas recíprocas, muito ligadas a vida material.

Este papel social assumido pela religiosidade camponesa é tão importante quanto seu papel espiritual. Segundo Almeida (1987), mesmo quando as relações com o sagrado são mantidas dentro dos limites da religiosidade mais doutrinária, elas tendem a tomar um caráter muito mais imediato e concreto. Roberto da Matta (1986, p. 75), vai mostrar que a religião marca e ajuda a fixar momentos importantes na vida de todos nós, desse modo, nascimentos, batizados, crismas, comunhões, casamentos e funerais são importantes para estabelecer relações, fazer associações com determinados eventos, entre outros sentidos que podem ser dados a esses sacramentos.

Assim também ocorre com a produção camponesa que sempre esteve ligada a religiosidade, seja na execução e planejamento de calendários agrícolas, nos santos, nas promessas, nas bênçãos, entre outros elementos que motivam e ocorrem dentro desse universo. É comum, ao conversar com um camponês, escutar histórias de bênçãos a animais, produções, ou festas religiosas ligadas a determinadas colheitas, ou períodos de produção. Segundo Almeida (1987) essa religiosidade ligada à prática de benção e festas nem sempre estão relacionadas as religiões formais, podendo ter ou não a participação de párcos ou representantes da igreja. Aqui, apresenta-se novamente uma característica do catolicismo rústico, em que os agentes na comunidade têm maior autonomia para executar, planejar, realizar ações ligadas ao sagrado, sem ter que, necessariamente, dispor da autorização de um padre, bispo, etc.

Portanto, a religiosidade camponesa, além de marcar a vida pessoal, marca também o trabalho e a vida em comunidade, sejam por meio de relações de casamento ou compadrio, por meio de calendários agrícolas muito ligados à festas de santos, ou pelo protagonismo e união que a comunidade exerce perante sua igreja e sua organização. Além disso, como afirma Brandão (1980), é bastante comum ver

nesse catolicismo um sistema de “barganha” muito forte, no qual camponeses negociam com santos da igreja, para obter bênçãos, afastar o mal, entre outros. Fazem isso por meio de promessas e rezas. Novamente estabelece-se um sistema de trocas, entre sujeito e divindade, cuja a fidelidade a um santo é comum de se ver e as histórias de milagres e bênçãos também (BRANDÃO, 1980). Assim, o catolicismo rústico é capaz de transpor rezas, crenças, missas, histórias de santos, entre outros ritos da Igreja Católica oficial, para o dia a dia do campesinato. Transformando esta em uma religião comunitária cuja ética e narrativas estão muito ligadas a um sistema de reciprocidade, seja entre pessoas e comunidade, seja entre pessoas e divindade.

Sendo, a palavra campesinato marcadora de uma posição social, ela expressa uma racionalidade carregada de todo um conhecimento tradicional, da busca pela reprodução da família em primeiro lugar e do processo de construção e reconstrução de identidades. Por isso vemos refletido tão fortemente o caráter de trocas no catolicismo rústico camponês, pois uma das identidades mais fortes do campesinato é o sentimento de cuidado e gratidão pelo trabalho com a terra, como aponta Woortmann (1990, p. 12), onde:

vê-se a terra, não como natureza sobre a qual se projeta o trabalho de um grupo doméstico, mas como patrimônio da família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. Como patrimônio, ou como dádiva de Deus, a terra não é simples coisa ou mercadoria.

É nessa relação com a terra, enquanto dádiva do dar, receber e retribuir, como afirma Mauss (1988), que se alicerça esses vínculos camponeses de troca com a terra, com os parentes, vizinhos e até mesmo os “santos” do catolicismo popular. Portanto, quando um camponês comuta sementes com seu vizinho, ele está trocando o conhecimento, a reciprocidade e os laços sociais. Isso ocorre também com os rituais religiosos que, segundo Wedig e Menasche (2009, p.1), desempenham o papel da dádiva e da reciprocidade na comunidade camponesa, representando o que é o sentir, viver e agir camponês.

Ainda dentro dos sistemas de trocas presentes no modo de vida camponês, encontra-se a formação/reprodução de elementos do campesinato nas gerações seguintes, pois a relação de aprendizagem do camponês se dá por meio da prática, na qual a família trabalha junto e ali são passados os saberes. Brandão (1985) afirma que a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e

recriam, estando difusa, da família à comunidade em todos os mundos sociais. Ou seja, a educação ultrapassa os limites da escola. Ela está nas festas e folias, quando os mais jovens participam com os mais velhos; nas místicas dos movimentos sociais, que é aprendida desde cedo pelos Sem terrinha, por exemplo; nos assentamentos, acampamentos do movimento sendo reproduzida e recriada no cotidiano do MST; no trabalho camponês realizado pela família e nas marchas, ocupações, reuniões e outros ambientes do movimento.

Para, além disso, a mística, enquanto elemento que vêm da religiosidade camponesa, pode ser compreendida como elemento importante de formação identitária nos movimentos sociais. É uma experiência de sentido (VAZ, 2000), atua na capacidade reflexiva do eu, na formação dos sentimentos, do que é ser, das certezas de si e também dos sentimentos de pertença. Ela é o esforço subjetivo, que vai além dos limites da razão instrumental. Para Netto (2007) a mística é o sentimento que aglutina pessoas em direção a um ideal (utopia) e as prepara para a ação. Para que seja eficaz a mística nunca pode tornar-se formal, ela só faz sentido se realmente fizer parte da vida de quem a pratica.

A religião e o trabalho, como diria Candido (1987), são o que une um bairro camponês, na organização e sociabilidade, são dois elementos essenciais da cultura caipira, pois é a partir deles que laços como os de vizinhança, amizade, lazer entre outros são forjados. Candido (1987, p. 71) descreve o caso do bairro de São Roque, por ele estudado, onde, “ao redor” da capela de São Roque, ocorre uma divisão do trabalho bem desenvolvida, consciência de grupo, cooperação, tradição, solidariedade. Ou seja, no entorno da religiosidade há o que ele chama de mínimo social, que seria o equivalente ao mínimo vital da dieta por ele também descrito.

### 1.1 MÍSTICA DA VIDA, MÍSTICA DA LUTA

Compreender por que a mística se encontra tão próxima do MST, é aliar a importância da religiosidade para os camponeses, com a compreensão de como esse movimento social se forma e sobre quais estruturas já existentes o mesmo se assenta. A historicidade de lutas do movimento é importante, para contextualizar a presença dessa prática religiosa tão importante, que aos poucos ganha novas configurações no dia a dia dos camponeses que integram o MST. Se no primeiro capítulo a ideia central

era a de trazer a importância da religiosidade para o modo de vida camponês, neste capítulo o objetivo é o de destacar a presença forte de pessoas e partes da Igreja Católica na fundação e manutenção do movimento, para assim compreender a mística enquanto parte integrante da dinâmica do MST.

Segundo o MST, em uma cartilha publicada em 2010, dois eventos principais marcaram o início da luta pela reforma agrária, enquanto movimento social nacional organizado: a ocupação em 1979 das granjas Macali e Brilhante no Rio Grande do Sul e o surgimento do acampamento Encruzilhada Natalino no mesmo estado. Estes se tornaram símbolos de luta e resistência à ditadura militar. Os dois focos de resistência se uniram a outros por todo o Brasil de posseiros, arrendatários, assalariados, meeiros, atingidos por barragens, etc., culminando no que mais tarde iria se chamar de Movimento Sem Terra. A ocupação de terras tornou-se, uma das mais importantes ferramentas de contestação e luta contra o autoritarismo, a estrutura agrária desigual concentrada e as desigualdades sociais causadas por ela.

Em 1984 todo esse contexto revolucionário no campo que estava sendo gestado no Brasil resulta na formação do MST, enquanto movimento social nacional do campo de luta pela reforma agrária, unindo as forças dessas iniciativas que antes encontravam-se organizadas apenas por regiões. Ele surge quando a ditadura militar estava chegando ao fim e possibilitava uma maior articulação enquanto movimento social nacional. Contou com o auxílio da CPT para sua fundação, além de sindicatos e outras organizações do campo. O marco dessa fundação ocorreu em Cascavel, no Paraná, região conhecida por sua produção de commodities, grandes fazendas e, conseqüentemente, conflito por terras.

Pessoas ligadas à Igreja Católica tiveram grande importância durante este processo de formação e resistência do MST, nomes como Padre Arnildo Fritzen<sup>8</sup>, Irmã

---

<sup>8</sup>Nas décadas de 1970/80, trabalhou como agente da CPT/RS, prestando assessoria aos movimentos sociais e estimulando consideravelmente a luta pela terra no Estado (COELHO, 2010, p.105).

Alberta<sup>9</sup>, Padre Josimo<sup>10</sup>, Dom Pedro Casaldáliga<sup>11</sup>, Dom Tomás Balduino<sup>12</sup>, Leonardo Boff<sup>13</sup>, entre outros tiveram e ainda têm grande importância na luta, consolidação e na história do movimento. Hoje muitos deles cedem seus nomes à assentamentos e acampamentos por todo o Brasil. Essa ligação com os movimentos sociais se deve à própria história da igreja durante o regime militar, com sua corrente mais progressista da teologia da libertação e a criação de setores importantes dentro da igreja como a CPT e as próprias CEB's. Portanto, a Igreja Católica que sofreu forte impacto durante o período de ditadura militar, passa por um período de reformulação e reorientação, após alguns dos integrantes desses setores mais progressistas serem presos, torturados e mortos, devido a sua atuação de contraponto ao regime que vinha sendo instalado no Brasil.

A criação da Comissão Pastoral da Terra teve um papel decisivo no apoio aos movimentos sociais do campo por parte da igreja. A comissão foi criada em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Ela foi criada no período de ditadura militar do Brasil e teve por motivações as péssimas condições vividas por trabalhadores rurais, posseiros, peões, e camponeses que estavam sendo submetidos a condições análogas de trabalho, expulsão de suas terras e exploração do seu trabalho. Até os dias atuais, a CPT cumpre o papel de denunciar as injustiças no campo, produz materiais importantes para o estudo da questão agrária. A CPT possui agentes de outras religiões, como pastores da igreja Luterana. O pastor Werner Fuchs, é um nome importante da igreja evangélica luterana no Paraná, viveu e atuou no Oeste do estado durante os anos 70 e 80, no apoio aos agricultores, afetados pela Itaipu, posseiros, arrendatários e outros.

---

<sup>9</sup> Lutou com os trabalhadores e trabalhadoras nos locais onde era mais necessária. Ao chegar, foi enviada para a cidade do Araguaia em meio a tensos conflitos fundiários, quando foi ameaçada de morte junto ao Padre Josimo, seu companheiro de evangelização, que se tornou mártir da luta pela terra (MST, 2018).

<sup>10</sup> Coordenador da Pastoral da Terra, assassinado em 1986, a mando de um latifundiário por defender os camponeses, considerado como mártir da Pastoral da terra no Brasil.

<sup>11</sup> Veio em missão ao Brasil em 1968 e se tornou símbolo na luta contra o conflito de terras na região amazônica, teve embates com a vertente mais conservadora da Igreja Católica e com os grandes latifundiários, porém sempre denunciou as injustiças ocorridas no Brasil.

<sup>12</sup> Importante na fundação da comissão pastoral da terra e do conselho indigenista missionário, defensor dos direitos indígenas e dos sem terra, hoje dá nome à diversos assentamentos e acampamentos por todo Brasil.

<sup>13</sup> Teólogo e escritor, importante teórico da teologia da libertação, sempre defendeu a causa do movimento dos trabalhadores sem terra e é figura constante em seus eventos.

Além da CPT, havia as Comunidades Eclesiais de Base, desde o fim dos anos 60 e começo dos anos 70 no Brasil. Elas eram baseadas nos princípios da teologia da libertação e serviam também, como afirma o próprio portal das CEB's (2006), como uma plataforma válida e eficiente para as mudanças sociais, apresentando ainda as bases de uma nova sociedade. Elas efetivamente se tornaram importantes espaços rurais e urbanos para organização e luta por direitos. Novamente, o momento em que o Brasil vivia era um momento de apreensões políticas, cortes de direitos e violência contra os trabalhadores rurais. Além de ser um momento de expansão do capital no campo brasileiro, levando mais pressão à questão agrária que já era complicada desde a lei de terra em 1850 e a alta concentração já existente.

A proposta das CEB's, segundo Westphal (2011, p. 5), é fruto da adesão de parcela de um clero latino-americano, autodenominado progressista, de base marxista e humanista, com preocupações latentes na mudança de paradigmas para a construção de uma Igreja popular. A organização das CEB's, segundo este mesmo autor, era em torno de paróquias, capelas, ou outros espaços de reuniões que propiciassem um ambiente de discussão dos problemas dos bairros e situações das famílias dentro de círculos bíblicos ou ambientes religiosos (WESTPHAL, 2011). As CEB's traziam, portanto, a proposta de trabalhar a partir de uma mesma fé, com pessoas cujos anseios eram os de condições melhores de vida, reunidas sob a participação em uma mesma igreja e cujo trabalho é feito boa parte pela própria comunidade (FREI BETTO, 1984, p. 17 apud WESTPHAL, 2011, p. 6).

Todo esse contexto de criação e expansão das CEB's e da CPT está muito ligado ao nascimento e fortalecimento da teologia da libertação, que, segundo Lowy (2016, p.73), é um conjunto de textos latino americanos produzidos principalmente a partir de 1970 (que vinha sendo gestado desde o início da década de 60) e que se propagou rapidamente pelo Brasil e pela América Latina, devido às condições sociais estabelecidas aqui e os preceitos de igualdade propagados por ela. Seus princípios serviram de base para olhar a realidade popular, principalmente a dos camponeses, e passa a ser utilizada nas mais diversas frentes da igreja. Apesar de ser condenada por setores da igreja e não ter se espalhado com a mesma ênfase por toda América Latina, como afirma Lowy (2006), não foram poucos e nem desprezíveis os impactos dessa teologia, ou como é chamado por esse autor, desse cristianismo da libertação, principalmente no que tange ao Brasil.

Esta teologia, segundo Coelho (2010), “não foi pensada por acaso, mas sim para tentar processar o novo olhar sobre as questões sociais e políticas por meio dos evangelhos” (p. 52). Neste sentido, o MST, ao ter fortes influências da Igreja Católica toma para si diversos elementos da teologia da libertação, entre eles diversos símbolos que foram sendo migrados e ressignificados dentro do movimento, inclusive a mística. É sobre essa perspectiva que elementos como a mística, a terra e a fé são transportadas para o movimento social e ressignificados de acordo com as necessidades e vivências da população do campo.

A terra, por exemplo, é um importante elemento para os sem-terra, possui também dentro da Igreja Católica um grande significado, pois em diversas passagens bíblicas “a terra prometida” é o tema principal. Porém para o MST “a terra prometida não está mais no eterno, é aqui e é motivo de sua luta política, fruto de sua ação consciente” (TORRES, 2010, p. 134). Essa ressignificação coloca o protagonismo nos sujeitos e no movimento, que para conseguir a terra prometida, devem se organizar e lutar por ela, seja essa luta travada com o estado, com os latifundiários, com as desigualdades, entre outros.

Essa religiosidade ressignificada, apesar de perpassar pelo protagonismo dos sujeitos, têm na fé um elemento importante, pois é ela que move as lutas em busca de um mundo melhor e melhores condições de vida. Uma das formas mais importantes de ressignificação desta fé é a mística, seu sentido original é teológico como afirma Frei Beto (2003) e significa “experiência de Deus sou do Transcendente”. Porém, para esse autor o MST sendo um movimento laico estabeleceu o sentido da mística muito mais abrangente, holístico, estabelecendo uma relação íntima entre o ser humano e a natureza, tendo a justiça por luta do dia a dia, ou seja, lutando para que a terra seja de quem nela vive e trabalha. Sendo assim, Leonardo Boff e Frei Beto (2005), afirmam que não há militância sem mística, pois ela é o motor que impulsiona o fogo interior das pessoas para encarar a monotonia do cotidiano. Ela é realizada dentro do movimento antes de reuniões e atos e adquire uma importância grande no que tange o processo de organização e de reflexão dos integrantes do movimento.

A mística foi reinventada a partir das práticas e dos sentimentos voltados para o projeto de luta pela terra, ela é composta por uma “linguagem de símbolos que une a palavra ao gesto” (SAMPAIO, 2011, p. 2), ela é uma estética que traduz a presença da cultura da população rural, gerando o que Sampaio (2002, p. 1) chamou de base

mística do MST, cuja cultura rural do país, agregada à fé na possibilidade de mudança, constroem sentimentos e valores, que são passados no dia a dia do movimento social.

Esta mística que é carregada de sentidos, guarda hoje um forte caráter ecumênico dentro do movimento, ela fornece um elemento de síntese e coesão, é por meio dela que questões pedagógicas, culturais, de ordem e ideológicas são passadas. Ela pode ser definida como “uma prática educativa não formal para alcançar aprendizagens significativas que contribuem para a formação humana em/ no movimento” (TORRES, 2010, p. 136). A mística é sempre uma experiência coletiva acessível a qualquer pessoa, independentemente da idade e grau de instrução (TORRES, 2010) e que tem por objetivo passar algo para quem a assiste, ou seja, ela é carregada de uma mensagem simbólica. Se a mística não toca em algum ponto do sentimento ou da consciência de quem a assiste, ela não está cumprindo de fato seu papel dentro do movimento.

Por ser carregada de elementos artísticos, a mística pode ser confundida com uma encenação, porém é importante destacar que a mística não é um teatro, pois, como afirma Pereira (2014, p. 297), “a mística não é para ser assistida, mas para ser vivenciada pelos participantes em um momento oportuno. Por isso, acredita-se que ela é um ritual que só é compreendido pelos sujeitos que participam e conseguem fazer reflexões”. É na mística que há a troca e o contato de vivências, saberes, história e cultura, onde as pessoas doam-se a si próprios e se colocam enquanto sujeitos construtores do movimento e do processo de ensino e aprendizagem dentro do MST.

Ainda hoje há na mística do movimento um caráter religioso, acionando a fé, a emoção, envolvendo as pessoas e as levando a pensar sobre sua própria realidade social. Assim como as músicas cantadas e ouvidas pelo povo sem-terra remetem ao sentimento de luta e identidade, a mística faz referência ao modo de vida do camponês e por meio dela identidades vão sendo recriadas, sentimentos são expressos e despertados e lembranças são memoradas, conforme será mostrado no capítulo 3 desta dissertação. Tanto pela música quanto pela mística, a vida camponesa vai sendo contada por meio de poesia e arte. A mística é, portanto, um importante elemento dentro do MST pois é carregada de sentidos e símbolos do modo de vida e da luta camponesa.

A experiência mística é uma experiência humana em toda sua dimensão, para Vaz (1992) ela não é algo irracional e, sim, onde a inteligência e o amor se encontram

em uma experiência de convergência com o absoluto, com o mistério. Sua definição pode ser dada como o encontro com o campo do sagrado, na diminuição das distâncias entre o sujeito e o outro absoluto. A experiência mística é assim, a forma mais alta de atividade do espírito (VAZ, 1992). Para Vaz (1992) o místico é capaz de teorizar, dizer, expor a sua experiência, capaz de levar outras pessoas a terem a mesma experiência mística, ele tem na experiência mística uma experimentação de sentido da vida.

Através da celebração mística, os valores são cultivados e transmitidos, a interpretação da realidade social é apresentada, a identidade coletiva reforçada, fortalecendo as convicções dos militantes (TORRES, 2010). A mística se adapta às necessidades de debate e fortalecimento do movimento, nela elabora-se todo um arsenal simbólico, que fala das lutas travadas em cada conjuntura, além de representar energia e força, que impulsiona aqueles dispostos a marchar e a compor o movimento (MOSCAL, 2017). Ela é a representação da luta camponesa, da luta dos movimentos sociais, é a oposição à um projeto de vida e mundo, ela faz parte da cultura do MST.

A simbologia da mística é bastante diversificada e retoma elementos do presente e do passado, textos, reflexões, envoltos de espiritualidade. Seus símbolos remetem à terra, ao alimento, às lutas, aos instrumentos de lida, aos mártires, às sementes e a outros elos da cultura camponesa. Moscal (2017, p. 237), ao estudar a mística e a música dentro do MST, vai constatar que a mística é uma forma de “Comunicação inspirada pela religião, que aciona emoções e materializa transformações sonhadas, desejadas. Torres (2010) também segue nessa mesma linha de pensamento e afirma que é essa mística que traz e enche o povo sem-terra de esperança. É onde eles se veem retratados, se identificam, pois ela é uma síntese das histórias de luta que os trabalhadores rurais vivenciam, e uma utopia por dias melhores com a terra conquistada.

É importante ressaltar que nas referências utilizadas para compreender a mística, podemos subdividi-las pelo sentido dado por cada autor e área do conhecimento. Como já afirmado de forma breve nesta sessão, a mística tem raízes na teologia, e, portanto, possui um sentido teológico, não muito aplicado hoje nas teorias sobre ela nos movimentos sociais. É também recorrente o estudo da mística pela perspectiva educacional, na qual seu sentido está no processo de ensino e

aprendizagem. Esta forma de analisar a mística se dá principalmente pelo fato de a mesma estar presente em inúmeros espaços de formação do movimento social. Além destes dois sentidos, é possível conceber pelo menos mais dois, a mística enquanto forma de ânimo e lazer e a mística como unificadora de um projeto em comum. Todavia, é preciso deixar claro que essas são apenas categorias criadas neste trabalho, como forma de analisar e organizar as referências encontradas, como será demonstrado no capítulo 3.

Cabe finalizar esta parte do capítulo com uma das citações e conclusões mais importantes desse trabalho, que é o sentido maior da mística, a libertação das pessoas. Sua prática é também a adesão pessoal a um projeto de vida, seja ele religioso ou não, a um grupo social ou determinado coletivo de pessoas (NASCIMENTO; MARTINS, 2008). A mística, segundo os trabalhos de campo desta pesquisa, apresenta por sentido maior a busca pela libertação, seja por seu sentido educacional, seja pelo seu sentido de força e ânimo, ou o de participação efetiva dentro do MST. Ela busca levar o sujeito à libertação do modelo produtivo imposto pelo agronegócio, das injustiças e mazelas sociais e da falta de conhecimento. Sendo assim, a forma de realizar a mística foi sendo modificada e como, será apresentado a seguir, se encontra espalhada em diversas frentes no movimento, porém ela ainda tem por objetivo e sentido fundamental a libertação da população, lançando um novo olhar e uma nova postura frente às questões sociais e políticas. Assim como disseminava a teologia que a levou até este movimento social, que, como diria Lowy, se tornou, com seus elementos místicos, o mais importante do Brasil (2005).

## 1.2 MÍSTICA E SUAS DIVERSAS FRENTES NO MOVIMENTO

Como já exposto acima, a mística dentro do MST é de importância significativa na dinâmica do movimento, isso fica expresso também pela sua ocorrência em diversos espaços e frentes no cotidiano de assentados e acampados, seja em reuniões, marchas, feiras, escolas e diversos outros momentos de ação. Esta parte do trabalho procurou evidenciar esses espaços de realização da mística, no intuito de demonstrar que a mística das jornadas de agroecologia compõe um conjunto de manifestações dentro do movimento.

Um dos aspectos centrais da mística, destacado tanto pela literatura quanto pelos integrantes do MST, é seu **aspecto pedagógico**. Segundo Sirlei<sup>14</sup>, uma das integrantes do movimento, “a mística explica o que não se consegue compreender nas palestras”, pois a mística atua como processo educativo, tomando para si o exercício de explicar o projeto e o porquê da existência do movimento sem-terra, e seu papel político social (CASTRO, 2005, p. 20). O poder da mística, encontra-se justamente em sua capacidade de atuar como fonte de construção do conhecimento, demonstrando que a mesma serve enquanto espaço de expressão, aprendizagem e participação na luta. Não só pela oportunidade de sonhar daqueles mais marginalizados, mas também pela possibilidade de construir um novo paradigma para esta população.

Freire (1981, p. 24), por exemplo, ao tratar do processo educativo para camponeses, já propunha um modelo de trabalho com montagens de dramatizações em torno de fatos por eles vividos e por eles narrados em seus debates. Segundo ele, dramatizar estes fatos é não apenas uma forma de estimular a expressividade dos camponeses, mas também de desenvolver a sua consciência política. Esses espaços, segundo esse autor, são de extrema importância para os camponeses que talvez, em momentos formais de ensino, não tiveram ou não têm a oportunidade de trabalhar sua realidade e nem discutir palavras importantes de seu dia a dia, como luta, por exemplo.

Assim, o caráter educativo da mística, está justamente na sua capacidade de atuar como instrumento de formação política dos sujeitos que constroem o movimento,

---

<sup>14</sup>Moradora do assentamento Resistência Camponesa de Cascavel- PR, 50 anos e participante da jornada há 5 anos.

para tanto a mística possui uma intencionalidade, que permite o processo de ensino e aprendizagem, mobilizando, politizando e educando os sujeitos por meio da ação (NASCIMENTO; MARTINS, 2008). Na mística, assim como em diversas outras manifestações do catolicismo popular, como já demonstrado no capítulo anterior, a aprendizagem se dá por meio da prática, e do processo de acompanhamento das ações e das realizações do grupo. Não há aula de como se fazer mística dentro do MST, o que há é um trabalho em conjunto que reúne os sem-terrinha, os adultos, as lideranças e a base do movimento em uma única ação, que propicia a troca, a aprendizagem prática e a construção do conhecimento de forma conjunta. A distinção só ocorre na mística, quando o objetivo dela é evidenciar a diversidade, como é o caso das místicas organizadas pelas mulheres, dos jovens e da frente LGBTQIA+ do movimento, por exemplo.

Fica claro, portanto, a importância que a mística desempenha enquanto pedagogia não só dentro de ambientes escolares, mas em todos os momentos em que a mesma se concretiza, seja em reuniões, marchas, eventos e outros espaços. Segundo Adão<sup>15</sup> “A mística é uma escola para a gente, aqui assisto uma mística, em outro lugar assisto outra e a gente nunca esquece”, ou seja, cada mística é diferente da outra e elas marcam, muitas vezes de forma mais profunda que uma palestra ou uma fala, a vida dos militantes que a assistem e a produzem, sendo sua mensagem carregada de sentido.

A mística, utilizada enquanto instrumento de aprendizagem, possibilita a construção do discurso e da postura crítica tão necessários aos movimentos que buscam a reforma agrária. Como afirma Freire (1981), é necessário pensar um modelo que não apenas substitua o modo de produção do latifúndio, mas também que o modifique e agregue a ele o conhecimento camponês. Segundo este autor, formas de aprendizagem ou de produção que subestimem a capacidade criadora e recriadora dos camponeses e que desprezem seus conhecimentos, tentando “enchê-los” com conhecimentos técnicos, são expressões, em última análise, da ideologia dominante e para tanto vão na contramão de uma proposta popular de educação e da busca por justiça social. Nesse sentido, a agroecologia se mostra uma importante saída para os

---

<sup>15</sup>Morador do acampamento 7 de Setembro em Renascença- PR, 59 anos, acampado há 20 anos e participou em 2017 da sua 1º jornada de agroecologia.

camponeses e para o MST, enquanto matriz de produção que agrega conhecimentos camponeses e técnicos, na busca por romper as barreiras dos commodities e das grandes propriedades instaladas pelo agronegócio no Brasil.

Além desses fatores, quando setores populares lutam e resistem, redescobrem o que Brandão (1985) chama de velhas e novas formas de atualizar o seu saber, ou seja, criam situações vivas de aprendizagem, que são experiências avançadas de educação e vida, que se utiliza da prática e da experiência dos movimentos para educar para além da sala de aula.

**FIGURA 01** - MÍSTICA DE ABERTURA DA 16ª JORNADA DE AGROECOLOGIA



FONTE: João Luiz dos Santos (2017).

Na mística o aprendizado é contínuo, nas figuras 01 e 02 é possível observar diversas gerações comungando da experiência mística, seja em sua execução ou na observação, bebês, crianças, adultos e idosos, cada qual dando de acordo com sua possibilidade e recebendo uma experiência que é única, como descrevem os próprios participantes da mística. Se na figura 01 é possível observar as pessoas empunhando bandeiras e as diferentes gerações participando da mística, na figura 02 é possível observar o grito de ordem “Terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos”, que foi repetido diversas vezes na Jornada. É importante ressaltar que a mística, principalmente a de abertura, é acompanhada na maior parte das vezes por um grito de ordem, importante na reafirmação dos objetivos do evento e da própria mística.

**FIGURA 02** - GRITO DE ORDEM NA ABERTURA DA 16ª JORNADA DE AGROECOLOGIA



FONTE: A autora (2017).

Para além do caráter educacional exposto acima, a mística dentro do movimento **é força** que impulsiona a luta, segundo Bedoya (2012), na militância do MST a experiência mística encontrou significado vivencial, suas narrativas e temáticas são elaboradas a partir de necessidades e desafios encontrados na realidade camponesa e levam à passagem para uma nova realidade, tão almejada pelo movimento. Isso faz com que seja comum a mística ser descrita como ânimo, fogo, vontade, luta, etc., todas palavras encorajadoras, justamente porque a mística remete a uma realidade de justiça social, de luta e de pertencimento a uma proposta de mudança. Ou seja, a mística traz fortemente em seu sentido a força do pertencimento a um coletivo e a proposta de construção da equidade social, fazendo com que os integrantes tenham a motivação necessária para ir de encontro às situações que colocam em risco, muitas vezes, sua vida e de sua família, seu conforto e bem estar, tudo isso por conta de um ideal e da fé na conquista da “terra prometida”.

A mística é então, a expressão da luta dos camponeses, seja ela falando do passado ou do presente. Segundo o relato de Jovana<sup>16</sup> “estávamos indo para uma reunião, íamos fazer a mística de abertura, no meio do caminho tivemos um

---

<sup>16</sup>Agricultora, integrante do movimento e colaboradora do setor de cultura da Jornada.

enfrentamento com um pessoal da fazenda, chegando lá, não fizemos a mística porque já tínhamos vivido ela no caminho”, a mística vai tratar justamente da luta que esses camponeses vivenciam diariamente, ela é o que Geraldo<sup>17</sup> aponta como uma “simbologia muito importante para a luta”, algo que segundo ele “emociona e possibilita enxergar as coisas com um novo olhar”.

Todos os camponeses entrevistados durante a 16ª Jornada de agroecologia apontaram que já haviam participado de outras místicas fora dos espaços da jornada, e que em seus assentamentos e acampamentos a mística acontece antes das reuniões. Percebe-se, por meio das entrevistas, que, nos assentamentos com maior tempo de fundação, elas ocorrem com maior intensidade e que, nos locais onde as pessoas ainda estão se estabelecendo, elas acontecem com menor frequência, geralmente em reuniões maiores. Os relatos apontam que apesar das místicas em sua maioria tratarem da história do movimento e das lutas travadas pelo mesmo, elas são diferentes umas das outras, mesmo que o enredo seja o mesmo, cada vez que ela é apresentada, a energia e o aprendizado são outros.

A mística possui um valor experiencial, segundo Bedoya (2012), ela tem um sentido e uma relevância muito grandes para o indivíduo e sua experiência no movimento. Ela é, segundo esse autor, a expressão dos saberes internos dos camponeses, é uma forma de alívio das pressões sofridas pelos assentados e acampados, ela trouxe a transformação de algo com sentido estritamente religioso para algo com significado dentro do movimento. Esse autor vai demonstrar que a mística possui importante sentido de experiência formadora e emancipadora dentro do MST, demonstrando que:

As atividades de mística exprimem, de forma integradora, a confluência de duas leituras da realidade perceptíveis na cultura popular: uma ideológica, que tematiza a experiência com a realidade; outra, da vivência da espiritualidade, que inspira e oferece sentido a essa experiência. Não se trata de uma ideologia religiosa, nem de uma religiosidade ideologizada. Trata-se de uma experiência de espiritualidade que inspira a afirmação de uma ideologia (BEDOYA, 2012, p. 100).

Portanto a atividade mística é a confluência de toda uma espiritualidade que faz com que o coletivo se mova tocando, inspirando e suscitando em seus

---

<sup>17</sup>Integrante do MST, trabalha na secretaria nacional do movimento.

participantes a ideologia e consciência de luta. Ela atua no que Vieira (2008) chama de formação da identidade, ela é o que ele define como um ritual político. A mística, é o reflexo do coletivo e, ao mesmo tempo, um elemento essencial na sua construção, é uma via de mão dupla, de trocas, que, portanto, se modifica conforme as ideologias do coletivo e sua identidade enquanto movimento vão se modificando. No caso do MST, isso ocorreu principalmente com a agroecologia, que como visto na introdução deste trabalho, não era considerada enquanto elemento importante de luta e que no decorrer dos anos ganha importância significativa nas pautas deste movimento social, conforme apresenta o capítulo a seguir.

## **CAPÍTULO 2 - A JORNADA COMO EXPRESSÃO COLETIVA DE UM PROJETO ECOLÓGICO DE VIDA**

A agroecologia enquanto objeto de discussão dentro do MST era algo impensado até poucos anos atrás, ela passa a ser considerada como uma forma de produção viável, somente a partir dos anos 2000. Pensar o que é agroecologia, é levar em conta

uma matriz tecnológica que oferece conhecimentos e as metodologias necessárias para desenvolver uma agricultura que seja, por um lado, ambientalmente adequada e, por outro, altamente produtiva, socialmente eqüitativa e economicamente viável (ALTIERI, 2006, p. 7).

Ela faz muito mais sentido ao MST, enquanto movimento social que busca justamente essa igualdade de condições e de acesso à terra, pois oferece mais vantagens que o modelo da revolução verde e os pacotes biotecnológicos.

As características e técnicas da agroecologia são baseadas no conhecimento e racionalidade dos próprios agricultores, o que propicia um sentido muito mais prático para eles, além de estar muito ligada aos recursos locais, evitando o processo de dependência dos agricultores de insumos e sementes do agronegócio, tão criticado pelo movimento, além de serem técnicas produtivas benéficas ao ambiente e com respeito à cultura camponesa (ALTIERI, 2006). Ela vai ao encontro da proposta de educação popular, na qual Freire (1981) aponta que a necessidade de aumento da produção por exemplo, não pode ser visto separado do universo cultural em que a mesma se dá, e nem pode servir de justificativa para tratar os camponeses como vasilhas, onde técnicas, insumos, assistência técnica e maquinários são despejados.

Assim, se em um primeiro momento, o MST estava muito preocupado com a produtividade, gerando um ambiente contraditório em sua perspectiva ideológica - devido ao contexto de sua fundação, em que o desenvolvimento da agricultura moderna, aliado à concessão dos primeiros financiamentos para a produção em assentamentos - com o tempo passa a conceber a agroecologia como sendo mais compatível com a perspectiva ideológica do movimento e com o modo de vida das pessoas que o compõem.

Essa mudança de postura é fundamental, ao reconhecer que as populações do campo e seus saberes foram colonizados e desqualificados. A agroecologia ou

agricultura alternativa<sup>18</sup> vêm justamente na contramão desse modelo excludente e coloca em evidência esses conhecimentos, graças a uma rede de cooperação, que flui para um processo de ecologização das formas de produção, educação e consumo, como é o caso das Jornadas de Agroecologia.

Durante este processo de mudança de paradigma, ou como afirma Brandenburg (2018, p. 16), de verdejamento do MST, o Paraná se destaca como movimento de vanguarda e exemplo de incentivo e debate sobre a agroecologia, em que a Jornada é uma das principais expressões do esforço coletivo enquanto movimento de apoio à prática agroecológica. Ela vem acontecendo em diversas cidades do estado do Paraná, desde o ano de 2002 e têm tido grande número de participantes de todo o Brasil. A trajetória das Jornadas é marcada por reivindicações relacionadas à soberania alimentar, à terra livre de transgênicos e agrotóxicos, a favor da agricultura camponesa e em memória dos companheiros mortos na luta.

A Jornada acontece a cada ano e tem duração de quatro dias, sendo, segundo Tardin (2009, p.3), 95% dos participantes camponesas e camponeses. Segundo esse mesmo autor (TARDIN, 2009), as Jornadas começaram a ser gestadas em 2001 pelo movimento e diversas outras organizações de apoio e fomento à agricultura familiar. Sempre tiveram o objetivo de ser itinerantes, ou seja, percorrer o estado debatendo sobre temáticas importantes para o movimento, para o campesinato, a agroecologia, o momento político e a região em que se estabelece. As Jornadas se iniciam por Ponta Grossa, estabelecendo um enfrentamento direto ao agronegócio, promovendo um protesto junto a um centro de pesquisa produção de sementes de soja e milho transgênicos da transnacional Monsanto, em área rural do município de Ponta Grossa, que dias depois foi ocupado por famílias camponesas e sem-terra (TARDIN, 2009).

Essa área ficou convertida então, com o apoio do coletivo da Jornada, no Centro Chico Mendes de Agroecologia, instalando-se campos de multiplicação de sementes crioulas de várias espécies, além de adubos verdes de inverno e verão, plantas medicinais e mata ciliar (TARDIN, 2009). Portanto logo nas primeiras edições das Jornadas o embate com o agronegócio foi direto e a mesma rendeu frutos que

---

<sup>18</sup>No Brasil a agroecologia, segundo Brandenburg (2018, p.13), surge como agricultura alternativa, promovida por camponeses e animadores sociais, já no período de modernização intensiva da agricultura, como uma estratégia de sobrevivência dos agricultores que não foram contemplados pelo modelo modernizante. Transforma-se num movimento que, atualmente, é reconhecido pela sociedade como ecológico.

reverberaram mesmo após o evento. Nos anos seguintes a Jornada segue para Cascavel, também local ocupado pelo agronegócio e suas grandes empresas, passando por Francisco Beltrão, Londrina, Maringá, Irati e Lapa, até chegar à capital do estado, Curitiba (FIGURA 03), onde se dá o encontro intensificado da agroecologia e do projeto do MST, com os consumidores.

Cada espaço da Jornada foi pensado considerando os enfrentamentos, as questões políticas da região e os apoios necessários para sua realização. Se Ponta Grossa era importante dada a sua posição na produção de sementes transgênicas e experimentos ilegais, Cascavel era e é um local bastante marcado pelo enfrentamento dos movimentos sociais com os grandes proprietários e os sindicatos que os representavam e foi um local de grande repressão contra a jornada com algumas tentativas de intimidação. Francisco Beltrão marca a grande pressão sofrida pelos pequenos produtores por parte do agronegócio, principalmente na criação de suínos e frangos; a jornada de Londrina conta com a participação e apoio da UEL para sua realização; a de Maringá é realizada na Escola Milton Santos do próprio movimento. A cidade de Irati era o palco da operação agrofantasma que buscava criminalizar os agricultores ligados ao movimento que recebiam as políticas públicas, a Lapa teve como um dos objetivos dar mais visibilidade a agroecologia e chegando a Capital, Curitiba, foi pensado como local que pudesse proporcionar o encontro mais efetivo entre movimento social e população urbana (MOREIRA et al., 2017).

O contexto político da Jornada de 2018, em Curitiba, era de instabilidade política (ano de eleições, lava jato, prisões, reformas, etc.) e o MST têm exercido papel de militância frente a questões como reformas trabalhistas, da previdência, congelamento de gastos, prisão do ex-presidente Lula, entre outros. Havia, portanto, a preocupação durante as reuniões de planejamento da jornada, de que todo esse contexto e a presença do movimento em Curitiba, gerassem conflitos, como é possível observar na fala aproximada de um dos integrantes do movimento em reunião realizada no dia 12/03/2018: [...] “essa jornada vai ser diferente de tudo que já fizemos, estamos colocando em xeque um modelo de agricultura e quando eles (se referindo aos setores mais conservadores de Curitiba) verem o que a gente tá prevendo, eles vão cair em cima”. Portanto, havia a preocupação com possíveis enfrentamentos, violências etc., porém, durante todos os dias em que a jornada aconteceu, não foram relatados conflitos dessa natureza.

Durante esse caminho é possível verificar diversas conquistas como: A Lei Paraná Livre de Transgênicos; a proibição da exportação de soja transgênica pelo Porto de Paranaguá; efetivação da fiscalização do cultivo comercial ilegal e da produção de sementes básicas transgênicas; fiscalização do cultivo ilegal do milho transgênico; manutenção da moratória nacional e internacional contra a tecnologia terminator; a Lei da Rotulagem dos Produtos Transgênicos; desapropriação do Campo Experimental da Transnacional Syngenta em Santa Tereza do Oeste, além da crescente prática da agroecologia em assentamentos e acampamentos e das parcerias entre o MST e universidades na formação em agroecologia (VALADÃO, 2012).

Valadão (2012), ainda vai observar por meio do trabalho de campo de sua tese e de algumas referências, também utilizadas nessa dissertação como Tardin (2009) e Moreira (2007), que são diversas as experiências em agroecologia no Paraná, e que esses grupos tem uma participação intensa nas atividades do movimento, entre elas as Jornadas de Agroecologia. O que mostra, segundo esse autor, um “forte componente ideológico neste processo” de transição para a prática agroecológica. Esse autor aponta um número aproximado de 3500 famílias assentadas e acampadas com produção agroecológica, inclusive em municípios onde a Jornada passou como Ponta Grossa e Lapa e outros próximos dos locais das Jornadas como Teixeira Soares e Quedas por exemplo (VALADÃO, 2012, p. 117).

FIGURA 03 - PERCURSO DAS JORNADAS DE AGROECOLOGIA

Jornadas	Ano	Participantes	Cidade
<b>1º Jornada Paranaense de Agroecologia</b>	2002	3 mil	Ponta Grossa
<b>2º Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e sem agrotóxicos	2003	4 mil	Ponta Grossa
<b>3º Jornada de Agroecologia:</b> Construindo um Projeto Popular e Soberano para a Agricultura Camponesa	2004	5 mil	Ponta Grossa
<b>4º Jornada de Agroecologia:</b> Construindo um Projeto Popular e Soberano para a Agricultura Camponesa	2005	6 mil	Cascavel
<b>5º Jornada de Agroecologia</b>	2006	5 mil	Cascavel
<b>6º Jornada de Agroecologia:</b> Cuidando da Terra, Cultivando Biodiversidade e Colhendo Soberania Alimentar	2007	5 mil	Cascavel
<b>7ª Jornada de Agroecologia:</b> Cuidando da Terra, Cultivando Biodiversidade, Colhendo Soberania Alimentar, Terra Livre de Transgênicos e sem Agrotóxicos Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura A agricultura camponesa reconstruindo o sustento da vida e a transformação da sociedade.	2008	3,5 mil	Cascavel
<b>8º Jornada de Agroecologia</b>	2009	3,5 mil	Francisco Beltrão
<b>9ª Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e sem Agrotóxicos Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura	2010	3 mil	Francisco Beltrão
<b>10º Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos, Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura	2011	4 mil	Londrina
<b>11º Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos, Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura	2012	4 mil	Londrina
<b>12ª Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura, Cuidando da Terra, Cultivando Biodiversidade, Colhendo Soberania Alimentar	2013	3 mil	Maringá
<b>13ª Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos, Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura, Cuidando da Terra, Cultivando Biodiversidade, Colhendo Soberania Alimentar	2014	2 mil	Maringá
<b>14ª Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos, Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura, Cuidando da Terra, Cultivando Biodiversidade, Colhendo Soberania Alimentar	2015	4 mil	Irati
<b>15ª Jornada de Agroecologia:</b> Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos, Construindo o Projeto Popular e Soberano para a Agricultura, Cuidando da Terra, Cultivando Biodiversidade, Colhendo Soberania Alimentar	2016	3 mil	Lapa
<b>16ª Jornada de Agroecologia:</b> Keno Vive	2017	2 mil	Lapa
<b>17ª Jornada de Agroecologia:</b> Terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos; Cuidando da terra, cultivando a biodiversidade; Colhendo soberania alimentar; Construindo o projeto popular e soberano para a agricultura.	2018	10 mil	Curitiba

FONTE: MST, Cartas das Jornadas de Agroecologia.

A tabela demonstra que, ao longo de 17 anos de realizações, a Jornada já passou por 8 cidades diferentes do estado e reuniu quase 60 mil participantes de diferentes ocupações e origens. Sendo a Jornada de Curitiba a que reuniu o maior número de pessoas. O que provavelmente se deve a sua grande população e à

localização estratégica dos diferentes locais de acontecimento da Jornada, Praça Santos Andrade, UFPR e Teatro Guaira, ou seja, locais com grande circulação de pessoas, principalmente na feira realizada na Praça Santos Andrade. Como a Jornada é um evento de grandes proporções, principalmente quando realizada em cidades maiores como Curitiba, Londrina, Maringá, Cascavel, etc., ela necessita de grande estrutura e apoio para ser realizada. Segundo Gonçalves (2008, p. 226), os sem-terra sempre contam com diferentes organizações para o desenvolvimento das Jornadas, como a AOPA (Associação para desenvolvimento da agroecologia no Paraná), CPT (Comissão Pastoral da terra), MPA (Movimento de pequenos agricultores), MMC (Movimento de mulheres camponesas), Rede ECOVIDA, entre outras organizações de apoio à agricultura familiar e fomento a agroecologia, além das universidades.

Vale ressaltar que a permanência desse evento em nível estadual, há 17 anos, é de extremo significado na luta e na resistência dos povos do campo. O MST ganha espaço e voz, torna-se referência na construção de um modo de vida agroecológico. Além de marcar de forma política o que é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o que produz, quem são os sujeitos que o constrói e qual a importância econômica, social, política e ambiental desse movimento. A Jornada tem a possibilidade de desestigmatizar o MST perante a sociedade civil, bastante influenciada pela indústria cultural, que constrói seu discurso sobre o campo muito baseado nos preceitos e na relação com o agronegócio. Segundo Chã (2018), a relação indústria cultural e agronegócio é antiga e ajudou a construir o discurso dos transgênicos, dos “defensivos agrícolas”, do saber técnico sobre o popular e do agronegócio como propulsor da economia e produtor de alimentos.

A Jornada de agroecologia mostra justamente o contraponto do “agro é pop, agro é tudo”, expondo a produção agroecológica paranaense, os números de produção alimentar, denunciando as injustiças socioambientais, mostrando uma outra via de produção e vida, dissociando produtividade aos transgênicos e venenos e expondo a diversidade presente no campo brasileiro, que ultrapassa as barreiras dos commodities. Portanto, pesquisas que envolvam o estudo da Jornada ou de parte dela, têm por desafio, demonstrar a diversidade, a dificuldade e a resistência que um evento dessas proporções possui.

Quem participa das Jornadas, relata que vêm até ela todos os anos querendo aprender, fazer novos contatos, trocar experiências e contribuir com o movimento.

Segundo Sirlei<sup>19</sup> a Jornada é “uma das ferramentas de aprender, ela traz muito conhecimento desde as palestras, oficinas, seminários, então a agroecologia é fundamental e também ela serve como uma ferramenta de ânimo, de ver tantas outras experiências maravilhosas que tem e que isso serve pra mais um ano pra gente ta se fortalecendo, tanto no ânimo, tanto no conhecimento de como produzir”. Luana<sup>20</sup> descreve a jornada como uma “lindeza sem tamanho”, isso se deve, segundo ela ao fato da organização ser feita “pelo povo e para o povo” e quando chega na mística, “que a gente canta nosso hino, esse sentimento que toca o coração da gente e faz com que a gente se motive a vir mais e trabalhar no nosso dia a dia”, esse depoimento sintetiza o sentimento de boa parte dos entrevistados sobre o que é a jornada de agroecologia, de como a mesma tem motivado e inspirado diversas pessoas ao longo dos anos, sendo construída pelo movimento para toda a sociedade.

O Paraná, como visto anteriormente, se destaca como uma das regiões em que as lideranças do Movimento mais refletiram a proposta agroecológica e se esforçaram para difundi-la (BORSATTO; CARMO, 2013, p. 657), e a Jornada é o esforço mais visível desta postura. A jornada de 2017 da Lapa, ocorreu em um parque de exposições fechado e concentrou bastante as atividades. Ceres (2016), coordenadora da jornada, em entrevista cedida ao setor de comunicação do movimento, demonstra a perspectiva e os objetivos da 16ª jornada, destacando a sua importância em ser “o maior evento de agroecologia camponês, organizado pelas bases populares, pelos movimentos sociais, pelas organizações camponesas do nosso estado e do nosso país. Conta também com importantes participações internacionais.”

As jornadas têm sido um espaço de discussão não somente de questões relacionadas diretamente à agroecologia, ela segue a lógica do movimento de questionar o que Borsatto e Carmo (2013) chamara de um vínculo profundo ao debate da soberania alimentar e luta contra o agronegócio. Ela é o que Luana<sup>21</sup> apontou como sendo o espaço de:

---

<sup>19</sup>Idem ao 3

<sup>20</sup>Moradora do assentamento 8 de Abril em Jardim Alegre- PR, 24 anos, formada em pedagogia do campo, participa da jornada há 5 anos e é integrante do setor de comunicação e cultura do movimento, auxilia na organização das jornadas.

<sup>21</sup> Idem rodapé 8

Ver quanta coisa boa a gente tem, a gente tem experiência, tem momentos de estudo, de trabalho, de organização, de luta. O espaço coloca isso para a gente, a gente tá aqui fazendo formação, tá conhecendo experiência, tá mostrando experiência para as pessoas, aqui a gente vê juventude reunida, criança reunida, homem, mulher, professor, professora, então aqui a gente vem e não é um mais que o outro, a gente vem aqui pra aprender, debater, discutir, melhorar, pensar um projeto de sociedade maior.

Portanto, as Jornadas, uma “lindeza sem tamanho” segundo Luana<sup>22</sup>, são os locais onde as lutas são orquestradas, os contatos estabelecidos, o ânimo é dado, o conhecimento, os produtos e a experiência do movimento são compartilhados. É mais que um evento de quatro dias, é uma organização pensada meses antes de acontecer, que depende de muitas articulações e do trabalho e participação de muitas pessoas. Ao realizar a observação participante, constatei o quanto esse é um evento de construção coletiva, ao verificar a possibilidade de ação e participação de várias instituições, pessoas e frentes. Como estive mais próxima ao setor de cultura e comunicação foi possível compreender que o conceito da Jornada de 2018, por exemplo, estavam assentadas, no que Sylviane<sup>23</sup> descreveu em uma das reuniões, como a relação campo-cidade, ciclos (da vida, da terra, da produção, menstruais, etc.), feminino, diversidade, soberania e alimentação, tudo isso em uma trama. Portanto, cada elemento construído dentro dessa jornada estava ligado a esses conceitos, seja o crochê que aparece diversas vezes na decoração da jornada e que foi todo feito pela dona Maria<sup>24</sup>, seja nas cores escolhidas para a jornada, no local de realização da mesma, entre outros elementos. Assim, estudar a Jornada é estudar um emaranhado de relações, que travam uma mesma luta, a soberania alimentar, a produção livre de transgênicos e agrotóxicos e em favor da cultura camponesa, e é nesse ambiente complexo que a mística aqui estudada se coloca.

## 2.1 MULHERES E AGROECOLOGIA

A jornada de 2018, assim como demonstrado acima, trouxe o feminino, seus ciclos e a questão da mulher de forma bastante forte, à medida que evidenciou a mesma em diversos momentos, como na mística, apresentações, intervenções, na

---

<sup>22</sup> Idem ao 23

<sup>23</sup> Integrante do movimento e do setor de cultura.

<sup>24</sup> Dona Maria, moradora do acampamento Herdeiros da Luta em Porecatu no Paraná.

feira, culinária da terra, mesas e outros espaços. Tanto na Jornada de 2017 quanto na de 2018 frases como “sem feminismo não há agroecologia”, “igualdade de gênero” e bandeiras de movimentos de mulheres rurais ocuparam os espaços das Jornadas e propiciaram um convite ao debate sobre mulheres e agroecologia.

A literatura demonstra que as mulheres exercem um papel fundamental na agroecologia à medida que a mesma:

[...] propicia diferentes usos do espaço e do tempo para realizar de forma combinada atividades produtivas e reprodutivas. Dessa maneira, a princípio, rompe-se com a divisão sexual de trabalho que separa essas atividades e estabelece hierarquias entre elas (SOF, p. 21, 2018).

Porém, além de trazer esse espaço mais colaborativo, onde as atividades não estão restritas aos papéis de gênero, como o de “provedor” ou de “dona de casa”, a agroecologia propicia que as mulheres criem grupos de trabalho agroecológicos, troquem saberes entre elas e implantem de forma pioneira em suas propriedades o modo de vida agroecológico. Como foi observado em diversas entrevistas realizadas durante o ano de 2017, nas quais era comum as agricultoras dizerem que: “a gente que começou na nossa comunidade e depois os homens foram atrás”<sup>25</sup> ou “as vezes o marido se preocupa em plantar apenas uma coisa e a mulher diversifica para ter mais oportunidade de renda e ampliar o ganho no pedaço onde vive”<sup>26</sup>.

Sendo assim, o MST e a própria Jornada de Agroecologia têm se aberto ao debate desta temática, ressaltando a importância da participação da mulher, venerando os ciclos da terra, femininos, bem como suas produções, além de buscar trazer a equidade para dentro dos palcos, místicas e outros espaços de construção coletiva. Compreende-se que este é um tema fundamental para a compreensão da Jornada e da própria história do MST e que necessita de aprofundamento teórico e pesquisas de campo maiores, que demonstrem as relações de gênero envolvidas em todo processo de construção da Jornada.

O que pode se observar, a partir do foco deste trabalho, é que para a organização da Jornada de agroecologia as mulheres deixam suas casas duas, as

---

<sup>25</sup> Derci- Agricultora no assentamento Maria Rosa do Contestado

<sup>26</sup> Aparecida- Agricultora e moradora do acampamento Zilda Arns

vezes três, semanas antes do evento, algumas trazem seus filhos, outras contam com a ajuda da comunidade e da família para cuidar dos mesmos, viajam quilômetros e se encontram num momento que para elas se torna uma festividade, à medida que trabalho, conversa, amizade, lazer, brincadeiras se misturam à responsabilidade de construir o evento.

Agroecologia para estas mulheres não está apenas nos seus assentamentos e acampamentos, está nos laços que elas estabelecem, nos vínculos de encontro e amizades que se propagam Jornada após Jornada, na construção da decoração, com seus bordados, crochês, toalhas, painéis ou flores, além da própria mística e sua preparação, do canto ou do chimarrão na hora do trabalho. Representa empoderamento e valorização de ser mulher.

Estas observações só foram possíveis pois acompanhou-se este processo de encontro, construção e aproximação que a observação participante permite ao pesquisador. São observações de cunho etnográfico e que merecem aprofundamento teórico, porém demonstram a riqueza que um trabalho desta natureza pode gerar. O foco do trabalho é a mística, porém falar de mística sem falar da participação da mulher nas Jornadas de agroecologia empobrece o trabalho e dificulta a compreensão de sua grandeza.

## 2.2 AS MÍSTICAS DAS JORNADAS

Quem participa da jornada pela primeira vez, tem um grande impacto com a dimensão desse evento, tanto pela sua importância, quanto pela subjetividade que o mesmo traz. Sua subjetividade está para além do momento da mística, como escrito no caderno de campo durante a 16ª Jornada, ela está também nos “tratamentos naturais, na rádio, na feira, no compartilhamento de alimento, nas brigadas, nas sombras para descanso, no baile, nas filas para o banho, para carregar o celular ou ir ao banheiro” (CADERNO DE CAMPO, 2017).

A mística é um elo entre todos esses elementos citados acima e a luta, ela atua como momento de aprendizagem e participação, está presente na Jornada em dois momentos principais: na abertura e no encerramento, podendo haver mais místicas nos outros dias de evento. Cada uma delas apresenta um propósito e um sentido diferente, cada uma delas passa a quem assiste uma mensagem diferente,

porém uma é complementar à outra. Elas são organizadas por regiões, ou por grupos dentro do MST (como o dos jovens), ou podem ser puxadas e/ou terem a participação de organizações parceiras como a ABAI (Associação brasileira de amparo a infância) por exemplo. A primeira mística das jornadas, a **mística de abertura**, tem tido como elemento central a **luta política**, ela retrata momentos de enfrentamento ou questões ideológicas do movimento, ela é bem mais incisiva e combativa, como é possível observar nas imagens abaixo.

**FIGURA 04** - 6° JORNADA DE AGROECOLOGIA: QUEIMA SIMBÓLICA DOS PRATOS DE TRANSGÊNICOS



FONTE: Arquivos MST Paraná: Setor de cultura.

A figura 04 mostra a 6° Jornada de Agroecologia, onde os agricultores carregam pratos com frases escritas como “Transgênicos não como”, em protesto a indústria do agronegócio e a oferta de alimentos transgênicos à maior parte da população, na figura 05 os agricultores fazem a queima simbólica, em praça pública, dos pratos com essas frases em sinal de protesto e enfrentamento à indústria dos transgênicos no Brasil.

**FIGURA 05** - 6° JORNADA DE AGROECOLOGIA: QUEIMA SIMBÓLICA DOS PRATOS DE TRANSGÊNICOS



FONTE: Arquivos MST Paraná: Setor de cultura.

**FIGURA 06** - 14° JORNADA DE AGROECOLOGIA: MÍSTICA QUESTIONANDO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA



FONTE: Arquivos MST Paraná: setor de cultura.

Na figura 06 da 14° Jornada de agroecologia, a juventude do MST faz uma crítica e repudia a atuação da grande mídia televisiva e da indústria cultural na manipulação de informações referentes à alimentação, ao próprio movimento, às condições políticas, sociais e econômicas do país. A juventude reivindica um projeto popular e soberano não só na alimentação, mas na distribuição e acesso à informação.

Se, como visto anteriormente, a primeira mística das Jornadas tem um cunho mais de crítica política, a segunda mística, chamada de **mística das sementes** ou **mística de encerramento**, têm como foco principal passar a mensagem da **agroecologia**, ela retrata a partilha e um outro modelo de vida e produção que será tratado no capítulo 3. Normalmente, as místicas seguem as temáticas da Jornada, portanto, se o tema central for “terra livre de transgênicos”, a mística provavelmente seguirá a mesma linha, assim como na jornada de 2017 cujo tema era “KENO VIVE” e as místicas retrataram a vida e morte do “companheiro Keno”. Serão descritos no próximo item deste trabalho as místicas das Jornadas de 2017 e 2018, onde ocorreu o trabalho de campo desta dissertação e conseqüentemente uma análise mais próxima e aprofundada das místicas.

No decorrer da pesquisa, constatou-se a dificuldade do movimento social em unir, analisar e disponibilizar informações, fotos, vídeos e a própria história da Jornada de Agroecologia. O que de modo geral prejudica o resgate da história das místicas no

movimento, tendo em vista que essa é algo pensado, sentido e realizado na maior parte dos casos com pouca antecedência, como observado nos trabalhos de campo, e sem registros escritos de roteiros etc. Portanto, o resgate dessa história se torna difícil, à medida que as histórias e memórias das pessoas sobre as místicas das Jornadas são bastante pessoais e experienciais. Sendo assim, decidiu-se nesse trabalho detalhar apenas as místicas que foram acompanhadas durante o trabalho de campo, trazendo apenas fragmentos, imagens e o que foi possível de ser resgatado das outras.

Neste sentido, trabalhos que tenham a Jornada enquanto estudo de caso, auxiliam o movimento social no registro efetivo de sua história e de seu papel na construção de um modo de vida ecológico no Paraná e no Brasil. Mostram o pioneirismo do MST Paraná ao promover uma empreitada deste tamanho e coloca a ciência em colaboração com os movimentos sociais e suas pautas.

### 2.2.1 16° Jornada de Agroecologia

A mística de abertura da **16° Jornada de Agroecologia** tratava do enfrentamento do povo camponês com o modelo de produção capitalista do agronegócio. Nessa mística, em específico, o confronto revivenciado era o do movimento com a empresa Syngenta e a morte de um dos integrantes do movimento, “Keno”. Esse foi um dos momentos de grande emoção da Jornada, onde os integrantes do movimento estavam visivelmente emocionados ao evocar um momento de tamanha dor, a morte de um companheiro de luta. Nesta mística o “grito de guerra” era **“KENO VIVE”**, acompanhado do grito **“Para cada companheiro ou companheira tombados, nem um minuto de silêncio, mas toda uma vida de luta!”** repetido diversas vezes pelos integrantes do movimento com muita força. Esta mística era, portanto, a representação da resistência do povo camponês, e mais importante ela era a retomada da memória social do movimento. Roberto Baggio<sup>27</sup> disse em entrevista que:

Keno simboliza a semente que germina na militância que segue na construção de um projeto soberano e popular de agricultura. Ele [Keno] é a força de energia para a luta. Ele é símbolo do camponês que se rebelou e

---

<sup>27</sup>Coordenador estadual do movimento.

lutou até os últimos dias de sua vida, acrescenta. Simbologia presente na poesia, nos versos que relatam que Keno não morreu, virou semente. Semente permanente. Hoje e sempre (BAGGIO, 2017).

Essa fala é de extrema importância para entender os elementos da mística e seus sentidos. “Keno virou semente”, ou seja, sua luta se multiplica pelo movimento, cada vez que sua história é contada, seu exemplo de força dá sentido e incentivo aos integrantes do MST em continuar na caminhada por uma vida mais justa socialmente. Esta mística de abertura, em homenagem a Keno, foi constituída por um grupo de aproximadamente 40 pessoas, pertencentes a região oeste, segundo o panfleto de programação.

Ela contou com diversos elementos como a música, a dança, a representação do confronto, poesia, carta e áudio de uma entrevista dada por Keno, falando da importância da luta camponesa. Havia uma grande quantidade de instrumentos e objetos do dia a dia do trabalho camponês e da luta do movimento como: foices, enxadas, pás, armas, bombas (bombinhas reais), cartazes, alimentos produzidos pelo movimento e diversas bandeiras, não só do MST e da Via Campesina, mas do movimento das mulheres e a bandeira LGBTQI.

Toda a emoção da mística é sentida muito antes do seu início, já na abertura com a banda do próprio movimento, cantando músicas e trazendo gritos de ordem. Neste momento a plenária já estava cheia e todos cantavam e gritavam com fulgor, em que “as músicas cantadas são reflexivas, dão ânimo, fortalecem a ideologia do movimento e expressam as contradições do sistema capitalista. A tenda de abertura é impactante, pois a imagem do ‘Keno’ está presente como foco principal de toda decoração” (CADERNO DE CAMPO, 2017).

**FIGURA 07 - PALCO DA 16ª JORNADA DE AGROECOLOGIA**

FONTE: A autora (2017).

A figura 07 acima demonstra justamente o que a passagem do caderno de campo diz, onde o palco é todo construído para rememorar a imagem do Keno e a banda traz a animação, emoção, hino e gritos de ordem tão importantes para acionar as emoções. Esse palco de abertura faz a preparação do público para receber a mística, que se inicia com a entrada de diversos cartazes com o nome de grandes empresas do agronegócio como Monsanto, Syngenta, entre outros, como mostrado na figura 08 abaixo.

**FIGURA 08 - 16ª JORNADA DE AGROECOLOGIA: CARTAZES REPRESENTANDO AS GRANDES EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO**

FONTE: A autora (2017).

Posteriormente ela simula o enfrentamento do povo camponês com essas empresas, representando o enfrentamento do projeto político e ideológico do movimento, com o projeto do capital. É nesse momento que o massacre cometido por essas grandes empresas sobre os sem-terra é demonstrado, e onde a representação se torna mais real. Na figura 09 abaixo, é possível ver os integrantes do movimento caídos após o enfrentamento, em sinal dos companheiros que foram mortos na luta.

**FIGURA 09** - 16° JORNADA DE AGROECOLOGIA: MASSACRE VIVENCIADO PELO MST QUE RESULTA NA MORTE DO KENO



FONTE: A autora (2017).

É possível observar naqueles que assistem uma certa tensão, há um silêncio absoluto na tenda, todos prestam atenção no que está sendo representado pela mística “as crianças ficam assustadas, algumas chegam a chorar, todos estavam em absoluto silêncio” (CADERNO DE CAMPO, 2017).

Após esse momento de enfrentamento e a morte de diversos integrantes do movimento, a mística demonstra que a luta não acaba e dela nascem diversos produtos, assim como “**Keno não morre, vira semente**”. A mística traz então o nascimento da vida, os objetos do trabalho (pás e enxada), da produção (verduras, banana, entre outros alimentos), diferentes bandeiras e frentes que compõem o movimento (mulheres, via campesina, LGBTQIA+, entre outras) e muitas crianças representando as gerações mais novas da luta e do trabalho camponês.

**FIGURA 10** - 16° JORNADA DE AGROECOLOGIA: RENASCIMENTO DA ESPERANÇA E DA LUTA



FONTE: A autora (2017).

A figura 10 retrata o momento em que a vida nasce no movimento, que, mesmo após a queda no enfrentamento, a luta de Keno e dos outros companheiros virá “semente”, ou seja, dá força, ânimo e coragem para o movimento seguir e combater. Mesmo após a queda e o massacre, o MST e sua luta permanecem vivos.

**FIGURA 11 - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: FRUTOS DA LUTA**



FONTE: A autora (2017).

Na figura 11 a produção, as gerações do movimento, os parceiros e a força de trabalho renascem para dar vida à luta. “Keno virou semente” aparece de forma clara na mística, onde - após o enfrentamento, a dor, o sangue - nasce a esperança,

a produção e a vida. O sacrifício de sua morte renasce em força de luta para o movimento, portanto, ele e sua experiência de vida foram sementes para a luta camponesa pela reforma agrária, resultando na produção, conquista e resistência.

Para encerrar a mística, foi realizada a leitura de uma carta sobre o “Keno” e seu áudio em que fala da importância da luta e da união dentro do movimento, além da ecologia enquanto importante modo de vida e produção do campesinato. Durante toda a mística houve a participação de músicos do MST, com diferentes músicas para cada contexto representado. Enquanto na batalha a música falava da morte e do sangue derramado, no levante do movimento a música falava **“A terra ela é sagrada, nas mãos de quem trabalha a terra, suor, vida, trabalho e terra, o direito à terra é de quem trabalha”**<sup>28</sup>. Portanto, todos os elementos pertencentes a esta mística estavam interligados a uma única mensagem, um único sentido, que, caso pudesse ser expresso por uma frase, seria “Para cada companheiro ou companheira tombados, nem um minuto de silêncio, mas toda uma vida de luta”, que foi o grito entoado diversas vezes durante esta jornada.

Na Jornada de 2017 na Lapa, houve além da mística de abertura e a das sementes, também uma mística que deu início às conferências do dia 22/09/2017. Esta mística foi diferenciada de todas as outras, pois buscou evidenciar de forma muito clara a complexidade do campesinato e de suas ocupações.

---

<sup>28</sup>Canto da Terra Sagrada- Rubinho do Vale

**FIGURA 12 - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: A TERRA COMO ELEMENTO ESSENCIAL DO CAMPESINATO**



FONTE: A autora (2017).

A figura 12 mostra como a mística trouxe a representação da terra para além da produção de alimentos, neste caso a terra é tinta, é arte e serve de inspiração para o campesinato, na figura 13 a terra é utilizada para pintar, crianças, homens e mulheres empunhavam pinceis e pintavam elementos da produção camponesa.

**FIGURA 13 - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: PINTURA SENDO REALIZADA A PARTIR DA TERRA**



FONTE: A autora (2017).

**FIGURA 14 - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: A MADEIRA COMO IMPORTANTE ELEMENTO PARA O CAMPESINATO**



FONTE: A autora (2017).

Na Figura 14 aparece a madeira sendo utilizada como matéria primária da vida camponesa, à medida que ela é trabalhada, esculpida e transformada em ferramentas, casas, móveis e outros instrumentos importantes ao campesinato.

**FIGURA 15 - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: A DANÇA E A CULTURA COMO ELEMENTOS DO CAMPESINATO**



FONTE: A autora (2017).

A figura 15 traz a festa, o lazer, a junção de todo trabalho camponês transformado em arte, demonstra um momento de descontração da mística, onde a dança toma conta da tenda principal da 16° Jornada de agroecologia e arranca sorrisos de quem assiste e vivencia a mesma.

**FIGURA 16** - 16° JORNADA DE AGROECOLOGIA: A LUTA COMO ELEMENTO ESSENCIAL DO CAMPESINATO



FONTE: A autora (2017).

A figura 16 mostra então o momento final dessa mística de celebração do modo de vida camponês, no qual as 30 pessoas que participavam dela, aproximadamente, se reúnem em frente ao palco, expondo bandeiras do movimento, de movimentos parceiros e instrumentos de trabalho, enquanto entoaram novamente palavras de ordem como: “Terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos”. Esse momento expôs a diversidade do movimento e do campesinato ao aglutinar forças e unir todos em prol de um ideal maior, que na Jornada fica expresso na agroecologia. Nesta mística percebeu-se, em quem a assistia, um tom muito mais de curiosidade do que de emoção, havia diversas pessoas tirando fotos, prestando atenção com grandes sorrisos, cantando e até mesmo dançando com a mística. Era um clima muito mais descontraído.

Em entrevista<sup>29</sup> dada ao setor de comunicação do próprio movimento, Sylviane<sup>30</sup>, importante articuladora do setor de cultura do movimento relata que “agroecologia e arte sempre tiveram muito relacionadas e únicas, elas juntas com vários outros elementos se tornam uma unidade mesmo, não têm separação. O mesmo camponês é artista, o artista é camponês.”

A mística, descrita acima, passou a riqueza do modo de vida camponês, vai ao encontro do que o primeiro capítulo deste trabalho buscou evidenciar, demonstra que dentro da Jornada e principalmente dentro da mística, não há separação entre agroecologia, arte, cultura e modo de vida, eles se unem no objetivo de buscar uma sociedade mais justa socioambientalmente. Esta foi, segundo o caderno de campo, “a beleza expressa em forma de arte, a vontade de pertencer a todo esse conjunto de saberes e acontecimentos” (CADERNO DE CAMPO, 2017), ou seja, ela veio para mostrar a complexidade e a beleza de ser camponês.

A mística de encerramento da 16ª jornada contou com a participação de uma grande quantidade de pessoas, assim como nas anteriores, aproximadamente 30. Tinha um caráter muito mais histórico e de protesto. Tratava do momento vivenciado no Brasil e de como ele é reflexo da forma como fomos ocupados e colonizados. Ela trouxe elementos importantes para a reflexão, por meio dos símbolos fortes que foram utilizados durante a mesma, como a bandeira estadunidense, amarras, cruzeiros e espadas.

---

<sup>29</sup>Acesso em 25/09/2017.

<sup>30</sup>Integrante do setor de cultura do MST.

**FIGURA 17** - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: REPRESENTAÇÃO DO PODER NORTE AMERICANO FRENTE AO BRASIL



FONTE: A Autora (2017).

A figura 17 mostra o chapéu com as cores da bandeira norte americana, representando a hegemonia de poder que os Estados Unidos exercem frente ao Brasil, que estava representado pelas cores verde e amarelo.

**FIGURA 18** - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS TRADICIONAIS



FONTE: A autora (2017).

A figura 18 mostra a espada como símbolo da violência enfrentada pelas populações que aqui viviam e vivem, representam a força exercida pelos Estados Unidos perante o mundo e ao Brasil.

**FIGURA 19** - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: REPRESENTAÇÃO DA IGREJA E SEU PAPEL DE COLONIZAÇÃO IDEOLÓGICA



FONTE: A autora (2017).

A figura 19 mostra a cruz e as interferências da igreja na colonização Brasileira, bem como seu poder frente ao estado brasileiro, a cruz representa a catequização indígena, o apoio à escravidão, à concentração de terras e todo o poder de doutrinação que ainda hoje a igreja exerce.

**FIGURA 20** - 16º JORNADA DE AGROECOLOGIA: AS EXPLORAÇÕES SOFRIDAS PELOS POVOS NO BRASIL



FONTE: A autora (2017).

A figura 20 mostra o momento em que a mística trouxe os indígenas, os negros e os camponeses para dentro da história, demonstrando como essas populações foram exploradas, catequizadas, e quase aniquiladas. Ela também trouxe o debate e a luta dos movimentos sociais (por meio das bandeiras), que foi seguido da partilha das sementes, o que será tratado mais a fundo no capítulo 3 do trabalho.

### 2.2.2 17º Jornada de Agroecologia

A **17º jornada de agroecologia** contou com duas místicas, uma de abertura e uma de encerramento. Foi possível, nesta jornada, acompanhar o processo de organização, ensaio e realização das mesmas graças a observação participante que estava sendo realizada. No ano de 2018, as místicas foram organizadas pelos jovens e pela ABAI<sup>31</sup>, acompanhou-se de forma mais efetiva a organização da mística de abertura, tendo em vista que a de encerramento não estava sendo planejada de forma principal pelo movimento.

---

<sup>31</sup>ABAI - Associação parceira do MST em diversas atividades e que atende crianças no contraturno escolar, cuja uma das frentes é a agroecologia e o lema é "Crioulo sim, transgênico não" (ABAI, 2019).

A primeira mística trouxe para dentro do teatro Guaíra (local onde foi realizada a abertura do evento) grande emoção com a música “Cio da Terra”, sempre cantada e lembrada pelo MST, essa música representa a relação do campesinato com a terra, a transformação do alimento, o fruto do trabalho camponês, com os seguintes versos:

Debulhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão

E se fartar de pão  
Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana a doçura do mel  
Se lambuzar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, a propícia estação  
E fecundar o chão

O trigo sempre foi um elemento bastante simbólico na religiosidade camponesa, aparece em várias passagens bíblicas, é dele que vêm o pão, símbolo importante, pois Jesus é o pão da vida (Jo 6, 27), ele quem alimenta a fé, assim como o pão que alimenta homem. O trigo na bíblia também pode ser considerado como o homem justo, como na parábola do joio e do trigo (Mt 13, 18), onde apenas o trigo seria levado ao celeiro, que seria o reino de Deus. Esta música traz a relação íntima do camponês com a terra, do cuidado, do trabalho e do conhecimento que ele tem com ela. Do qual brotam elementos tão simbólicos como o trigo, ou como o mel, também elemento bastante importante na bíblia, pois na terra prometida “emanava leite e mel” (Dn 26, 9), assim como é a “terra prometida” para o MST, um local no qual brotará o fruto do trabalho e da justiça social.

Enquanto a música era cantada, havia a representação de diversos jovens (aproximadamente 20), realizando o que a música descreve: o “milagre” da produção, o trabalho camponês. Após, houve a leitura de uma carta que fazia a descrição da trajetória da jornada até chegar em Curitiba e os motivos pelos quais ela estava na capital no ano de 2018, ou seja, a busca pela aproximação campo- cidade, produtor e consumidor, movimento social e capital do estado. Houve a entrada de diversos camponeses e camponesas, junto com os bonecos, instrumentos e bandeiras. Eles se posicionaram a frente do palco (aproximadamente 30) e alguns no palco

(aproximadamente 10), entoaram gritos de ordem como **“terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos”**.

**FIGURA 21** - 17º JORNADA DE AGROECOLOGIA: BONECOS GIGANTES REPRESENTANDO A GRANDEZA DOS CAMPONESES



FONTE: Juliana Adriano (2018).

A figura 21 mostra o momento em que grandes bonecos representando os camponeses, diversas bandeiras, materiais de trabalho (como pás) e os camponeses adentram o teatro para se posicionarem em frente ao palco e darem ainda mais força à mística que estava sendo realizada, assim como mostra a figura 22 abaixo, onde todos os camponeses entoam o grito de ordem “terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos”.

**FIGURA 22 - 17° JORNADA DE AGROECOLOGIA**



FONTE: Juliana Adriano (2018).

Essa mística, diferentemente da mística de abertura da 16° jornada na Lapa, teve um caráter muito mais de celebração do modo de vida camponês e da história da Jornada de Agroecologia. Ela trouxe também a luta, com as bandeiras, as ferramentas de trabalho, o grito de ordem, porém não trouxe de forma tão explícita o enfrentamento do movimento com o agronegócio, como ocorreu em 2017 com a encenação da morte de militantes na luta. A mística de abertura de 2018 estava muito relacionada aos conceitos estabelecidos pela 17° jornada de agroecologia, de destacar a relação campo-cidade, a história das lutas, a produção e os ciclos ligados ao modo de vida camponês exposto no capítulo 1.

A observação participante trouxe a compreensão de que a mística, para os integrantes do MST, é o que Bourdieu compreende por habitus, ou seja, é o que ele define como um sistema de disposições práticas, de condutas regulares que podem ser previstas, fazendo com que os agentes se comportem de determinada maneira em determinadas circunstâncias (BOURDIEU, 2004, p. 98). Essa conclusão se deu, ao observar que a mística é algo tão naturalizado dentro do movimento que sua preparação ocorre de forma muito tranquila e natural, ocorrendo muitas vezes com pouquíssima antecedência. É como se todos soubessem o que fazer e como fazer.

A mística das sementes da 17° jornada de agroecologia retomou seu caráter litúrgico e de ligação com uma espiritualidade. Tendo como participante, Leonardo

Boff<sup>32</sup>, a mística trouxe a bênção das sementes e partilha do pão como elementos principais. Boff fez a bênção das sementes enquanto importante elemento da agroecologia e partiu o pão como o resultado do trabalho camponês e o símbolo da vida em comunhão. O pão foi passado por toda a praça Santos Andrade e repartido por diversas pessoas, de dentro e fora do movimento. Após, houve a distribuição das sementes e mudas, para o público em geral e para os camponeses que estavam participando da Jornada. Esta mística, assim como a das sementes da 16ª Jornada estão descritas e analisadas de melhor maneira no terceiro capítulo.

---

<sup>32</sup>Teólogo, escritor e professor brasileiro.

### CAPÍTULO 3 - MÍSTICA E AGROECOLOGIA PARA OS CAMPONESES

Sendo a mística realizada no movimento como um todo, como visto no capítulo 2 deste trabalho, e sendo fruto da religiosidade camponesa e de seu modo de vida, o que diferencia estudar a mística de uma reunião que ocorre no assentamento, da mística realizada na Jornada de Agroecologia? Como apontado na introdução deste trabalho, apesar de haver pesquisas sobre a mística no MST de forma ampla, não se tem indícios de pesquisas que tratem com exclusividade da relação mística e agroecologia, que é o foco principal deste trabalho. Essa seção se propõe a aprofundar esse debate, que vem sendo construído nesta dissertação, por meio principalmente da voz dos entrevistados durante as jornadas.

Segundo Sylviane<sup>33</sup> a mística é “o detalhe, a sutileza, é a benzedeira, a música, a preparação, a mística não é só o momento final, a apresentação, ela é toda a construção do nosso povo”. Essa frase resume o que a mística representa para a Jornada de Agroecologia, ela funciona como **síntese** de toda a riqueza e diversidade que o campesinato possui e está intimamente integrada à religiosidade trabalhada no primeiro capítulo deste trabalho. É algo pertencente ao habitus camponês, se expressando nos comportamentos pessoais, coletivos, formas de lutas, ideias e convicções (NETTO, 2007, p. 657). Isto fica expresso na forma como os participantes da Jornada e integrantes do movimento a compreendem. Vai ao encontro do que Luana<sup>34</sup> define como mística, em que segundo ela:

[...] a Mística tá dentro do coração da gente. É para que a gente **reflita e vivencie ela todos os dias em tudo que a gente fazer**. Se a gente tá lavando uma roupa a gente vai vivencia a Mística, se a gente tá fazendo uma comida, vai vivencia a mística, se a gente estiver na roça a gente vai vivencia a Mística, se estiver brincando de roça a gente tá vivenciando a Mística, se a gente estiver na luta, numa mobilização, numa ocupação, se a gente tiver na Jornada, se a gente tiver numa reunião nós estamos vivendo a mística.

Novamente, quando Luana integra em sua fala a mística aos elementos do dia a dia do campo, ela está retomando o habitus camponês, demonstrando que não há mística que não esteja integrada com a prática permanente e cotidiana do MST.

#### 3.1 DIMENSÃO EDUCATIVA

---

<sup>33</sup>idem ao 9

<sup>34</sup>Idem ao rodapé 8

Como descrito no capítulo 2 deste trabalho, a mística possui o sentido educativo dentro do movimento. Na Jornada esse sentido se repete colaborando com a dimensão educativa que o evento em si apresenta, tendo por base a concepção popular de educação, ou seja, emancipatória e libertária, como afirma Freire (1993). Essa dimensão é fundamental para a agroecologia, uma vez que ela se apresenta como proposta para os camponeses integrantes do movimento, que foram submetidos ao processo de modernização do campo, o que fez com que a prática agrícola fosse separada dos saberes camponeses. A agroecologia vem então reaproximar os saberes e emancipar os agricultores do agronegócio.

Segundo Antônio<sup>35</sup> a mística “É uma preparação para ter mais conhecimento sobre agroecologia”, para ele a participação na mística é essencial, principalmente para quem vêm à Jornada pela primeira ou segunda vez, pois ela é fundamental para adquirir conhecimento. Assim como Antônio, diversos outros participantes destacaram a importância da mística no que tange **seu papel de fornecer conhecimento e servir de aprendizado** para quem a assiste. Depoimentos como esses: “Sempre ajuda no conhecimento, às vezes na palestra você não entende, mas se tem a mística você compreende”<sup>36</sup>, “A mística é uma escola para a gente, aqui assisto uma mística, em outro lugar assisto outra e a gente nunca esquece”<sup>37</sup> são comuns e retratam o papel fundamental que a mesma exerce na Jornada de Agroecologia. Isto vai ao encontro do que autores como Bogo (2012), Castro (2005) e Nascimento e Martins (2008) haviam destacado como um dos importantes sentidos que a mística exerce para o MST.

Ela está assentada sobre as bases pedagógicas do movimento, onde a dialogicidade é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem (NASCIMENTO E MARTINS, 2008). Além de estar amparada, no que Bogo (2003) destaca, como sendo a forma camponesa de aprender, ou seja, por meio da prática e

---

<sup>35</sup>Morador do acampamento Terra e vida de Passo Fundo no Rio Grande do Sul, 56 anos, com curso superior em agroecologia e esteve em 2 jornadas.

<sup>36</sup>Sandra, moradorado assentamento Contestado na Lapa- PR, 21 anos, assentada há 10 anos e participou da 4ª jornada em 2017.

<sup>37</sup>Morador do acampamento 7 de Setembro em Renascença- PR, 59 anos, acampado há 20 anos e participou em 2017 da sua 1ª jornada de agroecologia.

da troca de experiências e significados, como descrito no capítulo 1. Quando Elenice<sup>38</sup> expõe que “Participar é totalmente diferente de assistir, porque quando você planeja, tira várias coisas para pensar depois”, ela está se referindo justamente à possibilidade que a mística traz de vivenciar, experimentar e praticar determinados conhecimentos. Sendo assim a mística cumpre um sentido educativo ao movimento, que segundo Castro (2005, p. 19) representa uma forma ampla de atuação e ensino dentro do MST que agrega uma

[...] dimensão simbólica de representar as condições materiais e emocionais do povo. A constituição de uma realidade que agrega em torno da esperança de partilhar o sonho da luta pela terra, de um lugar com novas condições de vida, com novas relações. As esferas de razão e emoção, pensamento e sentimento devem desta forma compor os aspectos formativos e educativos da Mística.

A mística enquanto processo educativo atua também no que Daniel<sup>39</sup> expôs como sendo uma oportunidade de “trabalhar em grupo, com diversas opiniões”, em consonância ao que Sonia<sup>40</sup> definiu como sendo “gratificante poder expressar as opiniões, uma forma de expressar a minha opinião, respeitando a dos outros e tendo a minha respeitada”, ou seja, demonstrando o papel de troca que a mística possibilita, na qual é necessário se expressar, mas também ouvir o outro.

### 3.2 O PODER UNIFICADOR DA MÍSTICA

Outro ponto, muito importante destacado pelos integrantes do movimento, é o **sentido da mística enquanto elemento de inserção e participação efetiva** na construção da jornada. Pois, segundo Patrícia<sup>41</sup>, a mística além de “trazer de volta a cultura é também a inserção de todo mundo”, se referindo à oportunidade que todos têm de participar e de formular algo que contribua com a jornada. Sonia<sup>42</sup> afirma que

---

<sup>38</sup>Moradora há 3 anos do acampamento Dom Thomas Balduino de Quedas do Iguaçu- PR, 33 anos, formada em pedagogia do campo e participou pela 1º vez da jornada de agroecologia em 2017.

<sup>39</sup>Morador do acampamento Herdeiros da luta de Porecatu no Paraná, 18 anos, acampado há 1 ano, participou da jornada pela 2º vez em 2017 e foi por incentivo da escola que estuda.

<sup>40</sup>Moradora há 3 anos do assentamento Valmir Mota em Cascavel no Paraná, 18 anos, participando pela 1º vez da jornada de agroecologia em 2017.

<sup>41</sup>Moradora do assentamento Eli Vive em Londrina- PR, 19 anos, cursando economia, assentada há 11 anos e participante das jornadas há mais de 5 anos.

<sup>42</sup>idem ao 28.

a mística é uma forma de forma de “poder se expressar por meio da arte, protesto e defesa do que acredita”. Para eles isso é fundamental, à medida que proporciona o que Claudete<sup>43</sup> descreveu como: “Me senti útil, me orgulho de ter participado”.

Esse elemento, participação efetiva no movimento, pouco aparece na literatura citada, enquanto um dos sentidos centrais da mística, sua importância é fundamental como fonte de empoderamento para os sujeitos, no que tange suas experiências enquanto militantes e protagonistas do movimento sem-terra. Bedoya (2012, p. 38) destaca que:

[...] uma correta interpretação de qualquer tipo de valorização institucional da mística deveria ter como base de apoio, o sentido pessoal que a experiência mística tem para os/as militantes. Deste modo evita-se o risco de induzir a uma compreensão meramente instrumental da mística, encobrendo seu real valor experiencial [...]

Portanto, percebe-se que todo e qualquer sentido que seja associado a mística deve levar em conta seu valor enquanto experiência individual dos sujeitos e enquanto construção coletiva do movimento. Olhar de forma unívoca para a mística pode deixar passar elementos importantes de análise do seu papel e da sua real importância enquanto habitus, pois ela carrega consigo o papel de ser um dos elementos centrais de ligação entre o individual e o coletivo, entre os objetivos pessoais e as ideologias do movimento, entre o poder de aprendizagem do sujeito e seu papel de formadora dos militantes, ela é a subjetividade socializada.

Depoimentos como o de Adão<sup>44</sup> - “Eu tenho pouco estudo, conheço um pouco do mundo, eu aprendi bastante coisa, nos encontros, aprendi a conviver, ter uma relação de amizade, a lidar com o povo, o estudo faz falta, mas eu aprendi muito” - demonstram esse papel experiencial da mística. Essa fala se referiu à importância da mesma enquanto afirmação do sujeito, de ter a certeza que mesmo com pouco ou sem nenhum estudo formal, há com ele conhecimento que pode ser passado e pode ser apreendido por outros meios que não sejam a escola. Então, para além da importância institucional de formação da mística para os sujeitos, ela tem também a

---

<sup>43</sup>Moradora do acampamento Quilombo dos Palmares em Londrina- PR, 35 anos, participante pela 2ª vez das jornadas no ano de 2017.

<sup>44</sup>idem 25.

importância fundamental no reforço da autoestima, de orgulho, e de sentido para o conhecimento tradicional camponês, nem sempre valorizado.

Planejar e participar da mística para esses sujeitos é fonte de orgulho, a medida em que aparecem diversas vezes as seguintes falas “eu sempre participo”, “já participei de muitas místicas”, entre outros. Mas, durante a realização do trabalho houve a fala de dona Maria<sup>45</sup> que revelou durante a 17ª Jornada de Agroecologia a seguinte questão: “Eu gosto muito da mística, mas só de assistir e não de fazer”, questionada do porquê ela disse “não sei, minha neta que gosta, eu mesma tenho vergonha”. Porém, dona Maria (figura 23) foi uma das figuras centrais da realização da 17ª Jornada, de todo o conceito por trás do evento, ela era uma mulher camponesa e que foi a responsável pela produção de todas as toalhas de crochê utilizadas na ornamentação do evento e a responsável pelas costuras. Ela saiu de Porecatu uma semana antes da Jornada para auxiliar na produção e composição da mesma, estando presente na organização e ornamentação de todos os espaços onde a mística foi realizada, ou seja, ela participa de toda a complexidade que envolve a mística, do todo que muitas vezes não fica aparente.

**FIGURA 23** - CRIADORES DAS ARTES DA JORNADA, D. MARIA E SEUS CROCHÊS E FABRÍCIO E O SÍMBOLO QUE DEU VIDA A 17ª JORNADA DE AGROECOLOGIA



FONTE: Juliana Adriano (2018).

---

<sup>45</sup> idem ao 10.

A complexidade da mística, mencionada acima é abordada no livro *Arquiteto dos sonhos* (2003) de Bogo, onde aparece a fala de alguns integrantes do movimento, debatendo sobre as formas em que a mística se expressa:

\_As cerimônias durante os encontros são os momentos expressivos\_ Celso tenta ajudar com outra forma de manifestação mística\_ principalmente nos encontros nacionais. As equipes responsáveis passam dias observando o ambiente e procurando ornamentá-lo de acordo com os objetivos que se quer alcançar. Por isso, não se trata de qualquer ornamentação. O tema do encontro define a simbologia a ser usada. É, portanto, **uma verdadeira engenharia mística**<sup>46</sup> estampada nessa grande obra de arte.

\_ Acreditamos no belo como valor. Esta é a principal mensagem que os participantes do encontro assimilam\_ complementa Miriam\_ Ali podemos ver os produtos da terra e da natureza: frutas, conservas, doces, embutidos e, ao lado, livros representando o conhecimento, galhos verdes representando as florestas e uma infinidade de elementos (p. 340).

Quando Celso, interlocutor utilizado por Bogo (2003), cita a seguinte expressão “**engenharia mística**”, ele está se referindo a esse papel essencial que todos os elementos têm dentro da composição da mística como um todo, muito além da encenação, do momento final. Ele está retomando o que a fala de Sylviane<sup>47</sup>, utilizada no começo deste capítulo demonstrou como sendo a importância da mística enquanto “construção do nosso povo”. Portanto, dona Maria apesar de afirmar não gostar de participar da mística teve papel essencial no que tange essa “engenharia” retratada por Bogo (2003) e desvelada na fala de Sylviane, uma das responsáveis por toda equipe de ornamentação da jornada de agroecologia.

### 3.3 MÍSTICA E FORÇA DE MOBILIZAÇÃO

Além desses dois aspectos, educação e participação dentro do movimento, a mística representa também um importante **elemento de incentivo e força de mobilização**. Isso aparece de forma muito clara em praticamente todas as entrevistas e conversas realizadas durante a 16° e 17° jornadas. Ela é o que a Glaucia<sup>48</sup> definiu como “um pouco desse ânimo, esse continuar, é complexo”, é o que segundo ela

---

<sup>46</sup>grifo meu

<sup>47</sup>idem ao 18

<sup>48</sup>Moradora do assentamento Nossa Senhora Aparecida em Mariluz- PR, 26 anos, formada em economia, assentada há 13 anos e com 10 anos de produção orgânica, participante da jornada pela 5° vez em 2017.

“mantém o pessoal animado, é uma utopia”. A palavra utopia aparece nessa entrevista no sentido de algo que se está em anúncio, uma prenúncia do que vai acontecer, lembrando bastante o que Vaz (1992, p. 520-527) descreve como uma mística profética, a mística que une a “fé e a palavra”, a mística que tem por base a contemplação.

Portanto, a mística dentro do movimento não perde seu sentido inicial, que têm suas raízes na teologia ocidental cristã, porém ela é ressignificada, como trabalhado no capítulo 2 desse trabalho, ganhando o sentido camponês de experiência mística. A contemplação ocorre, na produção, na transformação dos alimentos, nas marchas, nas reuniões, ela faz parte da mística e do modo de vida camponês. Ela une o aspecto contemplativo, do modo de vida camponês, e a busca dos sonhos, representada pela busca de um mundo melhor (BOGO, 2003, p. 310).

A mística desperta também o que Elicar<sup>49</sup> relatou como sendo “emoção e indignação”, o que Aparecida<sup>50</sup> compreende como sendo “um momento espiritual, eu participo dela e me reencontro”, segundo ela a importância da mística está “em tudo, é muito especial, onde você se reencontra com a pessoa amiga, espiritualmente, paz, alegria, mostrar aquilo que você é, o que sente, passar paz para as pessoas”, ressoando o que Bogo (2003) descreve como sendo “o belo e o sentimental, vinculado com a parte racional existente nos encontros”. Moscal (2010, p. 35) segue na mesma linha descrevendo:

As místicas realizadas pelo Movimento são um exemplo de como objetivos e fatos históricos da luta são ativados através de uma linguagem que mescla recursos artísticos e religiosos, em um ritual proposto para provocar sentimentos coletivos. Observá-las é também ser tomado pelas emoções que elas acionam. A pertença ao Movimento se constitui neste ideário, presente não só na mística, mas em todas as formas de expressão sem-terra. A coragem para lutar, necessária aos homens e mulheres que ingressam em suas fileiras, são articuladas neste ideário, que pressupõe ações e desejos coletivos.

Essa emoção e força expressas na mística aparecem também em inúmeros outros trabalhos que tratam sobre o tema como Chaves (2000) relatando a Marcha

---

<sup>49</sup>Morador do assentamento Resistência Camponesa em Cascavel no Paraná, 18 anos, cursando superior em Agroecologia, há 11 anos no movimento, propriedade em processo de transição agroecológica, participante da 3ª jornada em 2017.

<sup>50</sup>Moradora do acampamento Zilda Arns em Florestópolis- PR, 51 anos, participante da 4ª jornada em 2017.

nacional dos sem-terra, Indursky (2014), Vieira (2008), Netto (2007), entre outros. Este é o sentido mais trabalhado da mística dentro do movimento, Indursky (2014, p. 113) coloca que:

[...] a *mística* nas práticas do MST mobiliza o *sujeito desejante* cuja *pulsão*<sup>10</sup> é de natureza político-social. Essa *pulsão político-social* se materializa nas *místicas* que se fazem presentes nas práticas do MST e sustentam a *produção coletiva do desejo* dos sujeitos que se identificam com os saberes da FD Sem Terra<sup>11</sup>. Essas *místicas* podem assumir formas diferenciadas, visando todas o reforço da identificação desses acampados com a causa da FD Sem Terra e seus saberes. Por seu viés, seus organizadores buscam a *construção de uma identidade Sem Terra*. A *mística* é, pois, no contexto do MST, da *ordem do político*. Através dessas práticas ritualísticas, os acampados são capturados pela ideologia e se identificam com a Forma-Sujeito Sem Terra ou, ainda, por seu viés reafirmam sua identificação.

Houveram também aqueles que não souberam definir a mística, mesmo tendo participado e organizado diversas místicas ao longo da vida, aqui se adentra uma nova questão. A mística é aprendida na prática, não há oficinas para aprender o que é a mística e como fazê-la, ela é *habitus* do movimento internalizada e estruturada enquanto rotina de ser assentado e acampado, é o que Bourdieu (1996) definiu como sendo o “princípio gerador e unificador que retraduz características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolas de pessoas, de bens e práticas” (p. 21). Sendo assim, nem sempre ela é racionalizada enquanto um conceito a ser definido por aqueles que a praticam, pois faz parte do modo de vida e da religiosidade camponesa, como exposto no capítulo 1.

Os depoimentos e conversas com os camponeses, são cercados de palavras que definem como eles se sentem com a mística e a importância da mesma para o seu dia a dia, mas eles não estão preocupados em definir, pois a mística é aprendida pela vivência e não formalmente. Segundo Luana<sup>51</sup>

A Mística, ela faz parte do processo de formação da consciência, então se você não consegue vivenciar a Mística, se você não consegue internalizar a Mística, então você não consegue ter uma prática do dia a dia daquilo que você tá vendo. Então eu acho que a Mística, principalmente pra quem não conhece a Mística ela não tem palavras certas pra você distinguir e dizer isso é mística. A Mística é aquilo que a gente tá vendo ali, a luta é a Mística, aquilo que você sente no dia a dia é a Mística, a música é a Mística, a letra é a

---

<sup>51</sup> idem ao 8.

Mística, então a partir do momento que você internaliza aquilo você sente a Mística, você sente que ela vai fazer parte da sua vida todos os dias.

Isso também ocorre com a agroecologia, dificilmente há a dissociação da mesma com as práticas e com os planos de futuro dos camponeses entrevistados. Apesar da jornada fornecer diversos espaços de aprendizagem, são as oficinas e as trocas com outros companheiros que fomentam a fala dos agricultores ao se referirem a agroecologia. Isso fica evidente nas conversas, interações e entrevistas realizadas durante as jornadas.

### 3.4 MÍSTICA E O MODO DE VIDA ECOLÓGICO

Segundo Sirlei<sup>52</sup> a agroecologia é “um modo de vida, onde você consegue desenvolver todas as questões da vida da gente, seja na produção, do relacionamento com a família, com a comunidade e o entendimento também, ele é bem diferenciado dentro da agroecologia”. Portanto, a agroecologia é para esses camponeses muito mais que um instrumento de produção, é uma forma de ver e viver no mundo, é o que Leidiane<sup>53</sup> definiu como sendo “ajudar a natureza, futuro, uma nova relação”, o que Sandra<sup>54</sup> chamou de “união”, o que Maria Eduarda<sup>55</sup> entende por “mais saúde”

As definições feitas pelos agricultores abordaram elementos da esfera individual, comunitária e ambiental, ou seja, associaram agroecologia à palavras como saúde, saudável, orgânico, qualidade de vida, a união, modo de vida, forma de se relacionar com o solo, ajudar a natureza, esperança e futuro. Essas palavras demonstram que o entendimento do que é a agroecologia para os camponeses participantes da Jornada é complexo, uma vez que associam a agroecologia com modo de vida, indo muito além da visão da mesma enquanto matriz produtiva, à algo essencial a saúde própria, da família, da comunidade e do ambiente, além de ser uma esperança para um futuro mais harmônico e socialmente justo.

---

<sup>52</sup>idem ao 3.

<sup>53</sup>Moradora de Curitiba- PR, nasceu no acampamento, têm os pais assentados e produtores de orgânicos, 22 anos, formada em pedagogia do campo, trabalha no setor de educação do movimento e em 2017 participou da sua terceira jornada de agroecologia.

<sup>54</sup>idem ao 24.

<sup>55</sup>Moradora do assentamento Contestado na Lapa- PR, 12 anos e participou em 2017 de sua primeira jornada de agroecologia.

Assim, mesmo que boa parte dos camponeses tenham mencionado ou associado a agroecologia a “produção sem veneno”, durante o decorrer da conversa, eles aprofundam esse conceito e relatam a importância da mesma nestes outros aspectos mencionados acima. Demonstrando que, no seu entendimento, ela é algo além da produção orgânica, incorporando aspectos como saúde, preservação da natureza, mudança de hábitos, variedades de sementes, o importante trabalho da mulher, entre outros.

O trabalho da mulher foi também um dos pontos mais citados nas conversas, a fala de Luana<sup>56</sup> traz um bom contexto sobre como as mulheres eram descritas: “as mulheres sofrem, quando a gente resgata a cultura camponesa, a agroecologia, a gente resgata a mulher e hoje várias mulheres tocam sozinhas”, Aparecida<sup>57</sup> relata como “fundamental, pois às vezes o marido se preocupa em plantar apenas uma coisa e a mulher diversifica para ter mais oportunidade de renda e ampliar o ganho no pedaço onde vive”. Palavras como importante, gigante, protagonista e fundamental apareceram entre as palavras mais citadas para definir o papel que a mulher apresenta no desenvolvimento da agroecologia, isso vindo de conversas com homens e mulheres. Portanto, há um reconhecimento dos camponeses do lugar que a mulher ocupa no processo de transição agroecológica da família e do movimento. Isso em consonância à inspiração da 17ª Jornada, que teve como uma das bases a mulher.

---

<sup>56</sup>Idem ao 8.

<sup>57</sup>Agricultora, acampada, participando da primeira Jornada de Agroecologia.

### 3.4.1 Mística das sementes e a partilha como sentido

As místicas, em especial a das sementes, trazem à tona o debate em torno da construção de uma outra racionalidade ambiental, cuja posição seja crítica frente a razão instrumental e a lógica de mercado. Desta forma a mística ao propor a troca de sementes, por exemplo, estabelece justamente essa relação, na qual o saber tradicional dos sujeitos é colocado, contrapondo a biopirataria das grandes empresas e do agronegócio

A semente aparece como grande destaque da Jornada de Agroecologia e possui uma mística toda dedicada a ela. Ela é a representação do enfrentamento dos sujeitos do campo ao capitalismo agrário pregado pelo agronegócio, em que as sementes são modificadas e monopolizadas por grandes empresas, desprezando assim um importante elemento do modo de vida camponês, que é a variedade de produções e tipos de plantas, o conhecimento e trato das sementes passados de geração em geração. Segundo Wanderley (2009), o camponês “conhece de modo especial e detalhado a terra, as plantas e os animais que são seus, que, por esta razão, se sente comprometido com o respeito e a preservação da natureza”, é esse conhecimento que se torna essencial para a agroecologia e que a mística da sementes retrata e rememora.

Na mística das sementes, em específico, o afeto pela terra, pela produção e principalmente pelas sementes fica claro. Nela a semente, é tratada como princípio do trabalho camponês, é valorizada e partilhada. O sentido da mística vai ao encontro, na jornada, com o sentido da agroecologia. Para Altieri os camponeses (2008, p. 30):

[...] regularmente, trocam sementes com os vizinhos (GRIGG, 1974). A diversidade genética resultante aumenta a resistência às doenças que atacam espécies particulares de plantas, possibilita aos agricultores explorar diferentes microclimas, atender suas necessidades nutricionais e obter, ainda, outros benefícios através de sua utilização.

Os agricultores tradicionais preservam a biodiversidade não somente nas áreas cultivadas, mas também naquelas sem cultivos. Muitos camponeses mantêm áreas cobertas por floresta pastagens, arroios e pântanos, no interior ou em áreas adjacentes aos seus campos de cultivos, suprindo-se, assim, de produtos úteis, como alimentos, materiais de construção, medicamentos, fertilizantes orgânicos, combustíveis e artigos religiosos.

A Jornada é a luta por formação e expõe projetos de sociedade em disputa, ela luta por reconhecimento, por um novo paradigma de produção e de formação

dentro e fora do movimento, ela é a expressão do conflito entre um projeto popular de agricultura e um projeto das elites. A Jornada é a busca de um projeto emancipatório e a afirmação de uma cultura e modo de vida. A mística das sementes demonstra isso, ela é a demonstração efetiva do conhecimento tradicional ligado à biodiversidade e partilhado com outros camponeses. Nela cada camponês traz sua contribuição de casa e partilha com seus companheiros, é a dádiva expressa na Jornada, o dar, receber e retribuir se manifestando por meio das sementes e da conservação do conhecimento popular e da biodiversidade.

A mística das sementes é a contribuição efetiva do camponês para o crescimento e o fortalecimento da agroecologia, é a afirmação de sua ideologia e projeto de mundo. Portanto, essa mística tem como sentido simbólico e político a conservação e valorização do saber tradicional e do modo de vida camponês e agroecológico. A mística das sementes é a partilha em seu sentido mais bonito, isso ficou evidente na 17ª Jornada de agroecologia, na qual houve a partilha das sementes, das mudas e do pão.

**FIGURA 24 - BENÇÃO DAS SEMENTES E DO PÃO REALIZADO POR LEONARDO BOFF**



FONTE: Juliana Adriano (2018).

Na figura 24 acima, a partilha do pão e a celebração realizada por Leonardo Boff é mostrada, elas rememoraram toda a historicidade da mística dentro do movimento, pois trouxe um elemento religioso tão importante como o pão e sua partilha. Na bíblia Jesus multiplica o pão em uma passagem, reparte o pão e ceia junto aos seus apóstolos em outra e transforma-o em seu corpo. O pão representa a

comunhão, assim como a mística, as sementes e a própria Jornada, representam a comunhão de camponeses que tem no MST e na luta a esperança da terra prometida e de uma vida mais justa para todos.

A mística das sementes da 17ª Jornada foi um momento bastante forte, o pão e as sementes foram compartilhados entre pessoas que passavam pela praça e pararam para ver o que estava acontecendo, os camponeses, pessoas em situação de rua, crianças, adultos, idosos, homens, mulheres, etc. Ou seja, sem distinção de classe, cor ou gênero, apenas o pão sendo compartilhado, passando de mãos em mãos.

**FIGURA 25 - DISTRIBUIÇÃO DAS SEMENTES NA PRAÇA SANTOS ANDRADE**



FONTE: Juliana Adriano (2018).

A figura 25 mostra o momento em que a semente e o pão são distribuídos a população que se encontrava na praça Santos Andrade, no caderno de campo há uma passagem que relata esse momento e traz à tona o poder que a mística tem de tocar individualmente a cada um que a assiste

a emoção que senti no momento da partilha foi tão forte que no momento parecia que tudo passava tão devagar e eu só conseguia sorrir de felicidade, de ver tantas pessoas compartilhando não só o pão mas um ideal, me senti pertencente aquele movimento, senti que estava no lugar certo.

A troca, como já mencionado nesse trabalho no capítulo 1, faz parte do dia, dia camponês, troca-se comida, carnes, serviços, conhecimento, mas também se troca a semente. Para não perder determinadas variedades é comum ver a troca das

sementes entre camponeses, pois se o plantio de um não der certo e a do outro der se salvará aquela semente para os próximos anos. Portanto, o saber tradicional, sempre teve por princípio básico preservar as sementes crioulas e assim manter a diversidade viva. Apesar do agronegócio e toda indústria de sementes, a troca e conservação ainda resistem, havendo hoje até festas das sementes crioulas, associações dedicadas à manutenção dessa biodiversidade, campanhas demonstrando a importância da mesma, mas acima de tudo, há ainda a resistência camponesa, que preserva, planta e troca as sementes e permite que algo tão importante e básico se mantenha vivo.

A troca das sementes é um dos momentos mais esperados pelos agricultores, ali estão todos ansiosos para ver o que tem de diferente do que normalmente eles produzem, é um momento de reencontro com algumas variedades que muitos não tinham acesso há algum tempo, durante as observações foi possível ouvir frases como: “quanto tempo eu não via essa semente” e a empolgação dos mesmos em trocar e mais importante levar para suas regiões e comunidades. A troca das sementes nunca é apenas uma troca de uma semente pela outra, é o momento onde os camponeses se encontram, trocam saberes e contatos. Ali eles compartilham conhecimentos sobre o desenvolvimento de determinadas espécies em determinadas regiões, receitas e histórias.

**FIGURA 26 - AGRICULTOR OBSERVANDO A VARIEDADE DE SEMENTES PARA A TROCA**

FONTE: A autora (2017).

A figura 26 e a figura 27 demonstram a curiosidade dos agricultores antes da troca das sementes, essas imagens são da 16ª Jornada de agroecologia, onde as sementes foram divididas para serem distribuídas por região, fazendo com que cada região tivesse acesso a mesma quantidade e tipos de sementes. Esse foi o momento mais esperado durante o último dia da Jornada, a ansiedade em ter sementes diferentes, ou que haviam sido perdidas há anos eram muito grandes.

**FIGURA 27 - AGRICULTORES OBSERVANDO A VARIEDADE DE SEMENTES PARA A TROCA**

FONTE: A autora (2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser camponês é ter um modo de vida que envolve a resistência, a religiosidade, as trocas, a forma de trabalho e educação, a comunidade e diversos outros elementos que foram descritos no primeiro capítulo deste trabalho. Quando aliado este modo de vida rico e complexo à uma forma de expressão que emociona e propicia o encontro com os mais diversos sentimentos, a mística, essa equação fica ainda mais rica e difícil de ser abordada. No MST essa junção vira símbolo de educação, força, pertencimento e mobilização e é construída por todos os integrantes, contando a história do movimento e passando a força que é pertencer a algo tão grande quanto o maior movimento social de luta pela terra do Brasil.

Conforme o MST muda suas pautas e a questão ecológica passa a fazer parte dos debates, a Jornada de Agroecologia torna-se grande evento estadual realizado pelo movimento em prol da agroecologia. Aqui a mística se une à agroecologia para passar uma história, não só aos camponeses do movimento, mas à comunidade urbana, acadêmica e aos povos e populações tradicionais. O encontro com o absoluto antes proposto pela mística em suas raízes, passa a ser o encontro com a diversidade, com a troca de histórias, experiências e saberes e o encontro com um modo de vida e produção que seja socioambientalmente justo.

No início deste trabalho questões como a mística das Jornadas de Agroecologia, contribuem para a formação de um projeto de vida ecológico para além do evento? E se há ainda hoje o sentido religioso da mística dentro da jornada? Qual o impacto que ela gera nas pessoas que a praticam e a assistem? Foram realizadas. As repostas a essas questões foram colocadas ao longo do trabalho, mas o que pode-se concluir até aqui é que a mística atua no sentimento, nos sentidos, ou seja. Quando a razão deixa de dar conta de responder à algumas questões, de motivar os camponeses a seguir, quando as dificuldades políticas e econômicas assolam a vida dos integrantes do movimento, quando uma palestra não dá conta de explicar ou suprir a necessidade de passar uma mensagem, é a mística quem o faz, é a mística que dá força aos sujeitos para seguirem em busca da terra prometida, da semente crioula, da soberania alimentar e da agroecologia.

A mística é a responsável também por recuperar memórias e trazer à tona a lembrança dos objetivos do movimento, dos mártires, de sua luta e das mazelas

sofridas pelos camponeses durante a história. Talvez esse seja o maior ganho desta pesquisa, a medida que demonstra que para um movimento que vivencia tantos desafios, onde seus participantes passam por diversas “provações”, usando o sentido bíblico da palavra, talvez apenas a racionalidade não dessem conta de propiciar o sentimento de ânimo, pertencimento e força necessários para enfrentar a luta sem terra. A mística vem como elemento que toca os sentimentos, que causa um impacto grande em quem a faz e a assiste.

Cabe aqui mencionar, que a mística não é a única responsável pelo projeto de vida agroecológico, porém ela é um dos mais importantes, à medida que sua mensagem fica marcada em quem a produz e assiste por um bom tempo. Sua linguagem simples e sua forma de acionar os sentimentos traz em cada pessoa um significado, uma mensagem e uma vivência. A mística tem ainda hoje um sentido religioso, pois ainda é a congregação, a partilha e o encontro com um sentimento e um sentido maior do que muitas vezes a racionalidade consegue alcançar. Porém ela não é estritamente a mística descrita por Vaz (2000) e nem mesmo é a mesma em todas as ocasiões e anos. Pois ela é feita pelos camponeses e como eles se modificam, a mística também se modifica, ela é o fruto do campesinato e do movimento, portanto está em constante construção.

A metodologia deste trabalho se limitou em acompanhar apenas as místicas das Jornadas de 2017 e 2018, tendo em vista o tempo disponível durante o período do mestrado para os trabalhos de campo, infelizmente essa escolha metodológica acabou por limitar as possibilidades de ir mais a fundo na história das místicas nas Jornadas de agroecologia, bem como no desenrolar da construção e acompanhamento do modo de vida agroecológico dos sujeitos entrevistados e que conviveram durante a pesquisa.

A Jornada de 2017 serviu de observação e experimentação e por isso não foi aproveitada tão bem quanto poderia ter sido na busca de informações e no objeto principal desta pesquisa. Apesar do ano de 2018 ter sido realizado a observação participante, dado a complexidade e o tamanho do evento não se conseguiu acompanhar de forma tão próxima diversos elementos da Jornada, como a organização da mística das sementes por exemplo.

Apesar das dificuldades metodológicas tidas durante o processo, cabe aqui mencionar que foram colhidos muitos depoimentos, e que se vivenciou momentos

intensos durante os trabalhos de campo. Tudo isso aliado às leituras realizadas, propiciaram a elaboração dos sentidos aqui expostos como sendo os principais da mística na Jornada: a educação, a força e mobilização e o pertencimento. Somente esses sentidos dão a possibilidade de seguir para novas pesquisas no intuito de constatar de forma mais aprofundada, de que forma eles estão presentes no dia a dia dos assentamentos e acampamentos, além de servir de base para estudos que queiram traçar o habitus sem-terra, o modo de vida camponês do movimento e a dimensão que as trocas tem no cotidiano do campesinato.

Tratar de mística é tratar de sentidos e sentimentos, por isso é necessário abordar o quanto essa pesquisa veio ao meu encontro enquanto pessoa, na mística da 17ª Jornada de Agroecologia, mais do que nas outras que eu acompanhei, senti o real valor experiencial que ela tem para cada um, esta mística me tocou de uma forma bastante profunda e nela todas as palavras escritas nessa dissertação ficaram mais claras e fizeram mais sentido. Enquanto pesquisadora que desenvolveu uma observação participante, é impossível não mencionar que os sentidos descritos nessa dissertação - educativo, força e mobilização e pertencimento - foram vivenciados e experimentados.

Como já descrito na introdução deste trabalho, minha jornada pessoal se cruzou com a mística em um momento muito específico da minha formação e lá já despertava sentimentos profundos em mim enquanto camponesa, durante essa dissertação a mística retomou muitos desses sentimentos e reflexões. Essa pesquisa me construiu tanto quanto eu a construí, os laços de amizade, conhecimento, reflexão e força que construí com ela ficarão sempre em minha memória e coração. Para além do sentido acima mencionado a Jornada e a pesquisa tiveram mais uma importância significativa e pessoal, pois meus pais participaram em 2017 e 2018, trocando sementes, compartilhando conhecimentos e fazendo novos contatos.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. [SI]: Ed. UFRGS, 2008.

\_\_\_\_\_. Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI. In: MOURA, E.G.; AGUIAR, A. C. F. **O desenvolvimento rural como forma de aplicação dos direitos no campo: princípios e tecnologias**. São Luís, UEMA, 2006. p. 83 – 99. Brasília, 11 de novembro de 2006.

ALMEIDA, J. F. **Parocos, agricultores e a cidade: dimensões da religiosidade rural**. Análise social, v. XXIII, p. 229- 240, 1987.

BEDOYA, L. E. T. **A força emancipadora da espiritualidade e da mística no MST: experiências formadoras na vida dos/ as militantes como poder catalisador do movimento**. Fortaleza: [s.n.], 2012.

BOFF, L.; FREI BETTO. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BOGO, A. **O arquiteto dos sonhos**. São Paulo: [s.n.], 2003.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BORSATTO, R.; CARMO, M. A construção do discurso agroecológico. **RESR**, v. 5, n. 4, p. 645-660, 2014.

\_\_\_\_\_. A construção do discurso agroecológico no movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST). **RESR**, Piracicaba-SP, v. 51, n. 4, p. 645-660, Out/Dez. 2013.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sacerdotes da viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. **Prece e folia, festa e romaria.** Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os deuses do povo.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDENBURG, A. **Mundo rural e ruralidades.** Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

CASTRO, C. V. **A mística de tornar-se jovem no MST:** a experiência do I curso de realidade brasileira para jovens do meio rural. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas.** 4. ed. 7. reimp. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2015.

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito.** 7. ed. [S.l.]: Livraria Duas Cidades, 1987.

CHAVES, C. A. **A marcha nacional dos sem-terra:** um estudo sobre a fabricação do social. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

CHÃ, A. M. **Agronegócio e indústria cultural:** estratégias das empresas para a construção da hegemonia. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

COELHO, F. **A prática da mística e a luta pela terra no MST.** Dourados: [s.n.], 2010.

DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** [S.l.: s.n.], 1986.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

INDURSKY, F. **O ritual da mística no processo de identificação e resistência.** [S.l.: s.n.], 2014.

QUEIROZ, M. I. P. **O catolicismo rustico no Brasil.** [S.l.: s.n.], 1968.

LOWY, M. **Mística da revolução**. Trabalho necessário. [S.l.: s.n.], 2005.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: [s.n.], 1988.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOSCAL, J. **Sentimentos da luta**: música e mística no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Florianópolis: [s.n.], 2017.

MST PARANÁ .**11 anos de luta por educação agroecológica - entrevista com Ceres Hadich**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=5PtNCpndDZA>>. Acesso em: 11 Jul. 2019.

NASCIMENTO, C., & MARTINS, L. **Pedagogia da mística**: As experiências do MST. Paraíba: [s.n.], 2008.

NETTO, S. L. F. V. **A mística da resistência**: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino americanos. São Paulo: [s.n.], 2007.

NETO, A. J. M. **A Igreja católica e os movimentos sociais do campo**: a teologia da libertação e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Salvador: [s.n.], 2007.

PEREIRA, A. J. O sentido da mística como uma performance cultural do MST. Cad. **Ed. Tec. Soc.**, Inhumas, v. 6, 2014.

QUEIROZ, M. I. P. Uma categoria rural esquecida (1963). In: WELCH, C.; MALAGODI, E.; CAVALCANTI, J.; WANDERLEY, M., Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas. São Paulo: UNESP. Brasília, DF: Núcleo de estudos agrários e desenvolvimento rural, 2009.

SAMPAIO, P. A. **A luta pela terra e a cultura emergente do MST**. [S.l.: s.n.], 2002.

\_\_\_\_\_. **Mística**. 2011. Disponível em:  
<<https://cleidsoncarlos.files.wordpress.com/2011/03/mc3adstica-plinio-de-arruda-sampaio.pdf>>. Acesso em: 12/07/2019

SILVA, L. H. **A trajetória do MST nos anos 2000**: avanços e recuos na luta pela reforma agrária no Brasil. [S.l.: s.n.], 2011.

SILVA, J. G. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

STEDILE, J. **A questão agrária no Brasil 3**: programas de reforma agrária: 1964-2003. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TARDIN, J. M. **Jornada de agroecologia**: camponesas e camponeses em movimento construindo o sustento da vida e a transformação da sociedade. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, Curitiba, 2009.

TORRES, C. L. **O simbolismo do MST na marcha e na mística**: espaço acadêmico, 130-137. [S.l.: s.n.], 2010.

VAZ, H. C. **Mística e política**: a experiência mística na tradição ocidental. Síntese Nova Fase, 493- 540, 1992.

\_\_\_\_\_. **Escritos de filosofia V**: introdução à ética filosófica 2. São Paulo: Loyola, 2000.

VALADÃO, A. C. **Transição agroecológica nos assentamentos rurais**: estratégias de resistência e produção de novidades. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

VIEIRA, L. C. **A mística no MST**: um ritual político. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008.

WANDERLEY, M. **O mundo rural como espaço de vida**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WEDIG, J. C; MENASCHE, R. **Dádiva e reciprocidade**: rituais religiosos e festivos na vida camponesa. In: IV Congresso Argentino y Latino Americano de Antropologia Rural. 2009

WESTPHAL, E. **Para além do paraíso**: uma reinterpretação sociológica do discurso ambiental sobre as identidades de grupos tradicionais e de suas práxis religiosas populares na ilha do mel. Curitiba: Ed. UFPR, 2014.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. [S.l.]: Jorge Zahar Editora, 2005.

WOORTMANN, K. **Com parente não se neguceia**: o campesinato como ordem moral. [S.I.]: Ed. UNB, 1990.

**APÊNDICE**  
**QUESTIONÁRIO APLICADO NA 16ª JORNADA**

1. Nome:
2. Local de residência: Município/Estado \_\_\_\_\_ nome do assentamento/acampamento \_\_\_\_\_ comunidade \_\_\_\_\_
3. Idade:
4. Grau de escolarização (estudou até que série?):
5. Estado civil:
6. Sendo casado(a), quantos filhos
7. Quantos trabalham na propriedade
8. Quantos trabalham fora
9. Profissão anterior (antes de ser agricultor, tinha outra profissão)
10. O senhor (a) é....
  - a. Assentado: área
  - b. Acampado: área
  - c. Proprietário (agricultor familiar ou camponês..... ..); área
  - d. Trabalhador filho (a)
  - e. Outros.....
11. O senhor pratica agroecologia?
12. O senhor praticou agricultura convencional antes? (Usando adubos químicos e venenos)
13. Por que mudou
14. Se não pratica agroecologia, pretende desenvolver alguma atividade agroecológica?  
Qual(is)
15. Por que a agroecologia é importante para o senhor ou senhora.
16. Qual o papel da mulher na agroecologia.
17. De quantas jornadas o senhor (a) já participou?
18. Por que participa? Ou, que o senhor (a) busca nas jornadas de agroecologia
19. Alguma coisa já mudou em sua vida depois de praticar agroecologia ou de participar das jornadas? O que mudou.
20. Como se sente participando da jornada?
21. Para você o que é agroecologia?
22. Você já participou ou assistiu alguma reunião? Qual e quando (jornada? Comunidade?)

23. Como foi para você? O que sentiu?
24. Se planejou alguma mística na jornada como foi para você este processo de planejamento?
25. Defina o que é a mística para você?
26. Qual é a importância da mística para você?
27. Qual a importância da mística para a agroecologia?
28. Como a agroecologia se manifesta na mística?
29. Na sua opinião o que representa a mística para a jornada?
30. Como a mística reflete os objetivos da jornada?
31. Qual o impacto (sentimentos, emoções, práticas e etc.) você acha que a mística gera?
32. Como você acha que a mística reflete a vida de vocês no assentamento/ acampamento?
33. Em sua comunidade é praticada a mística?
34. Como seu dia a dia está presente na mística?
35. Na sua opinião a mística tem condições de modificar a atitude das pessoas?

**ANEXO**  
**FOTOS DAS JORNADAS DE AGROECOLOGIA**

**4º Jornada de Agroecologia**





**6° Jornada de Agroecologia**



7º Jornada de Agroecologia



8° Jornada de Agroecologia



**10° Jornada de Agroecología**



**11° Jornada de Agroecología**





12° Jornada de Agroecologia





**13º Jornada de Agroecologia**





14º Jornada de Agroecologia





15° Jornada de Agroecologia





**16° Jornada de Agroecologia**





**17° Jornada de Agroecología**



